

revista



mensal | agosto de 2020 | n° 2 | ano 27 | [Facebook](https://www.facebook.com/sescsp) | [Instagram](https://www.instagram.com/sescsp) | [sescsp.org.br/revistae](https://www.sescsp.org.br/revistae) | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

UM PALCO EM CASA | ACESSIBILIDADE PRESENTE | TERRA DE ENCONTROS | NO COMPASSO RITMADO | HAMILTON DE HOLANDA | FRANCISCO ALAMBERT | 30 ANOS DO ECA | LUCIANO GARCEZ | CHRISTIAN DUNKER | EMERSON PIROLA





Aquarius
direção Kleber Mendonça Filho



MÁRCIO GREYK - ZUMB.BOYS
SOLOS DE LAJE



EDUARDO GUDIN
PARTICIPAÇÃO:
NAILLA GALLOTTA



CIA SUNO
em MALGRANDA CIRKO



DÉBORA FALABELLA
em O AMOR E OUTROS
ESTRANHOS RUMORES
DIREÇÃO: YARA DE NOVAES



FAFÁ DE BELÉM



FORTUNA
em CANTANDO PELO MUNDO



CELSO FRATESCHI
em DIANA
DIREÇÃO: RUDIFRAN POMPEU



ZÉ ROBERTO



TOQUINHO



PASCOAL DA CONCEIÇÃO
OS MALEFÍCIOS DO TABACO
DIREÇÃO: MARCELO DRUMMOND
TEXTO: ANTON TCHÉKHOV



FILIPE CATTO



PEQUENO TEATRO DO MUNDO
em ON-HEAMA, A INFÂNCIA
DE UM GUERREIRO



CONCEIÇÃO EVARISTO



Os Palhaços
direção Federico Fellini



EDGAR MORIN



MATHEUS NACHTERGAELE
em DESCONCERTO
TEXTO: MARIA CECILIA NACHTERGAELE



ARTHUR ZANETTI



PALHAÇA RUBRA
em RUBRA É AÇ CRIATURAS



RINÇON SAPIÊNCIA



RENATA SORRAH
EM COMPANHIA
DRAMATURGIA E DIREÇÃO: MÁRCIO ABREU



ADRIANA CALCANHOTTO



JHONNY SALABERG
em BURAQINHOS OU O VENTO
É INIMIGO DO PICUMÁ
DIREÇÃO: NARUNA COSTA



Todos os Paulos do Mundo
direção Gustavo Ribeiro



TIQUEQUÊ



ARRIGO BARNABÉ



Manifesto
direção Julian Rosefelat



AILTON GRAÇA
em SOLIDÃO
DIREÇÃO: MARCO ANTONIO RODRIGUES



Miúda e o Guarda-Chuva
direção Amadeu Alban



LEANDRINHO



ÂNGELO MADUREIRA E ANA CATARINA VIEIRA
em OUTRAS FORMAS



JAQUELINE



DEBORA LAMM
em MATA, TEU PAI
TEXTO: BRACE PASSO



DANILO CAYMMI
PARTICIPAÇÃO:
MAESTRO JOÃO EGASHIRA



Eu sou Ingrid Bergman
direção Stig Björkman



ELZA SOARES
PARTICIPAÇÃO: FLÁVIO RENEGADO



DENISE FRAGA
em GALILEU E EU - A ARTE
DA DÚVIDA
A PARTIR DA OBRA DE BERTOLT BRECHT



DIOGO GRANATO
em TODA VEZ QUE
ME DESPEÇO



THAÍDE



AILTON KRENAK

#emcasacom**sesc**

Lives de música, teatro, dança, esportes, debates, reflexões e programação para crianças, com artistas, atletas, pesquisadores e pensadores. Todas as apresentações são realizadas ao vivo e posteriormente ficam disponíveis nos canais oficiais do Sesc SP no YouTube e no Instagram.

Sesctv

Séries e programas on demand de diferentes temáticas e linguagens.

Sesc
digital
BETA

Plataforma de conteúdo com ensino à distância e acervo de produções culturais, artísticas e de caráter social, nas áreas de cidadania, comunicação, meio-ambiente, alimentação, tecnologia, esporte e turismo social, além de linguagens como artes visuais, dança, teatro, cinema, circo, música e literatura, entre outros.

instagram/sescaovivo
youtube.com/sescsp
sesc.tv.org.br
sesc.digital
sescsp.org.br



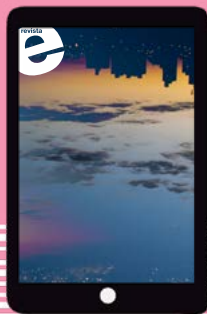
Rosi Caires

IMAGEM DA CAPA

A imagem da capa é parte do ensaio *Muito Além da Janela*, realizado pela fotógrafa Rosi Caires a pedido do Sesc Rio Preto para integrar o projeto *A Vida Não Para*. Fotografias da região foram convidadas para registrar cenas que passaram a fazer parte da realidade das pessoas em meio à pandemia e o isolamento social. Nas palavras de Rosi Caires: “Há um momento em que a solidão não está apenas em nós, mas em tudo. Fotografei o vazio. Vazio cheio de beleza de mistérios e incertezas. Do sexto andar do meu apartamento, pude sentir a beleza do nada, que é tudo em nossa vida. Lancei-me ao desafio de diariamente sentir o pulsar de uma cidade em quarentena. É assim, permiti que pandemia se transformasse em arte.”

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS

Somando esforços para superar a crise

A história nos mostra que muitos foram os momentos que exigiram da sociedade resiliência e capacidade de adaptação diante das dificuldades. A infinita disposição humana de buscar soluções diante dos desafios é um fato posto e, pouco a pouco, também agora se faz presente. São inúmeras as iniciativas em busca de alternativas para manter a vida em comunidade ativa e pulsante, utilizando novos recursos e possibilidades, dos quais a internet tem se mostrado uma forte aliada.

Em situações como a que enfrentamos agora com a pandemia do novo coronavírus, a união dos esforços multiplica as oportunidades, agregando poder público, instituições e a população em prol do bem-estar de todos. Desde o início da quarentena, o Sesc tem ampliado suas ações sociais, com a distribuição de alimentos para o combate à fome, por intermédio do Mesa Brasil, além de oferecer uma vasta programação cultural por meio dos canais digitais, minimizando os impactos negativos que essa nova condição apresentou.

São atitudes que, somadas a outras tantas iniciativas, criam uma rede de apoio sólida e segura, tornando menos penoso e mais digno o enfrentamento dessa crise.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

SUMÁRIO

Novas experiências em teatro

Inúmeros foram os desafios de adaptação impostos pela pandemia da Covid-19. Alguns deles, sem dúvida, atingiram dura e diretamente o universo das linguagens artísticas. Com o fechamento das salas de espetáculos, artistas e técnicos se viram na difícil condição de interrupção de seus trabalhos tal como eram realizados. Desde que a quarentena teve início, porém, muitas iniciativas estão surgindo para manter essa arte viva. É o caso das *lives* de teatro, que propõem a apresentação de montagens cênicas em espaços adaptados, como as próprias casas dos atores, exibidas remotamente pela internet. Se, por um lado, esta iniciativa tem distinções do teatro convencional, por outro, mantém a relação de ator e espectador ativa e cria novos ambientes para a experimentação. Neste mês, a **Revista E** faz um mergulho sobre iniciativas em artes cênicas surgidas na pandemia.

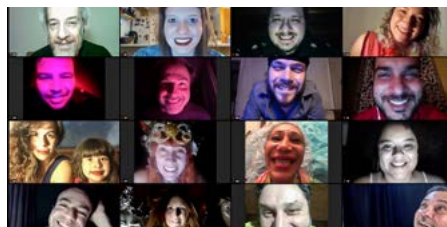
A cultura, aliás, é apontada pelo psicanalista Christian Dunker, convidado da seção *Encontros*, como uma fonte para a saúde mental nesses tempos de privações. Tempos estes que levam a sociedade a repensar trabalho e ócio e a ressignificar as relações sociais, como explica, em *Entrevista*, o historiador Francisco Alambert. Na matéria *Gráfica*, um passeio pelo bioma do Pantanal por meio dos registros de João Farkas. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Sesc São Paulo



Daniela Alambert

Em **ENTREVISTA**, o professor de História FRANCISCO ALAMBERT fala sobre expectativas pós-pandemia e efeitos no trabalho, nas relações sociais e na cidade **10**



A Arte de Encarar o Medo – Satyros | Foto: Andre Stelano

Teatro investiga e experimenta novas linguagens no ambiente digital e proporciona **UM PALCO EM CASA** **18**



J. Borges

No **PERFIL**, a história por trás de gêneros musicais que nasceram no Nordeste e despontaram dentro e fora do Brasil **NO COMPASSO RITMADO** **28**



João Farkas

Na **GRÁFICA**, a exuberância da fauna e da flora do Pantanal, uma **TERRA DE ENCONTROS** pelas lentes de João Farkas **34**



Luciano Erico

Desafios da sociedade para a garantia de direitos das pessoas com deficiência e perspectivas de mudanças para **ACESSIBILIDADE NO PRESENTE** **48**

DOSSIÊ	7
EM PAUTA 30 ANOS DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	52
ENCONTROS CHRISTIAN DUNKER	58
DEPOIMENTO HAMILTON DE HOLANDA	62
INÉDITOS LUCIANO GARCEZ	64
ALMANAQUE PAULISTANO	70
P.S. EMERSON PIROLA	72

SEJA UM DOADOR MESA BRASIL!

LEVAMOS ALIMENTOS ÀS PESSOAS ATINGIDAS PELA CRISE DO CORONAVIRUS.

CONHEÇA

Há mais de 25 anos o programa funciona como uma rede de combate à fome, ao desperdício e à má distribuição de alimentos, baseado na parceria entre a sociedade civil, o empresariado e as instituições sociais.

OFEREÇA

Muitas empresas podem participar do Mesa Brasil Sesc São Paulo.

O programa só existe porque

empresários e gestores conscientes de sua responsabilidade social participam ativamente.

NESTE MOMENTO, PRECISAMOS DE:

Cestas básicas

Produtos de higiene pessoal

Creme dental, escova de dente, sabonete, desodorante, absorvente higiênico, papel higiênico e shampoo.

Produtos de limpeza

Sabão em pó, detergente, desinfetante e esponja.

Produtos diversos

Arroz, feijão, lentilha, leite, sardinha, carnes e embutidos curados sem refrigeração, enlatados e conservas, sal, açúcar, farinha de mandioca, fubá, molho de tomate e óleo.

PODEM DOAR

Centrais de abastecimento, produtores, supermercados, atacadistas, padarias, confeitarias, feiras, indústrias, cerealistas, entre outros.

SAIBA COMO DOAR

mesabrasil.sescsp.org.br





Lição de atleta

MEDALHISTAS BRASILEIROS MOSTRAM ROTINA DE EXERCÍCIOS E DÃO DICAS AO PÚBLICO NA SÉRIE *ESPORTE #EMCASACOMSESC*

Imagine treinar em casa com grandes nomes do esporte? Na série *Esporte #EmCasaComSesc*, medalhistas olímpicos, como o ginasta Arthur Zanetti e a jogadora de vôlei Jaqueline, falam como é o dia a dia de preparo físico de um atleta, além de compartilhar um treino elaborado em parceria com educadores de atividades físicas do Sesc São Paulo. De casa, públicos de todos os níveis, incluindo iniciantes, podem praticar com eles uma rotina de exercícios. Ao final, cada convidado faz uma demonstração de sua modalidade esportiva e ainda lança um desafio para o próximo participante.

“A promoção dessas *lives* com atletas e profissionais do esporte reflete não somente a diversidade de ações do Sesc voltadas ao incentivo da cultura esportiva e à prática de atividades físicas por meio do ambiente digital, como também o cuidado e a atenção voltados ao nosso público, no sentido de favorecer o exercício físico em casa com personalidades do esporte de maneira lúdica e estimulante”, explica Maria Luiza Souza Dias, gerente de Desenvolvimento Físico e Esportivo.

O jogador de basquete Leandrinho e o jogador de futebol Zé Roberto, que já foi camisa 11 da seleção brasileira, também participaram da série *Esporte #EmCasaComSesc*, transmitida todo domingo, às 11h. No dia 30 de agosto, quem participa é o nadador Fernando Scherer (*foto*), o Xuxa. Acesse o YouTube do Sesc São Paulo ou o Instagram do Sesc Ao Vivo para treinar com esses atletas.

A PROMOÇÃO DESSAS *LIVES* COM ATLETAS E PROFISSIONAIS DO ESPORTE REFLETE NÃO SOMENTE A DIVERSIDADE DE AÇÕES DO SESC VOLTADAS AO INCENTIVO DA CULTURA ESPORTIVA E À PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS POR MEIO DO AMBIENTE DIGITAL, COMO TAMBÉM O CUIDADO E A ATENÇÃO VOLTADOS AO NOSSO PÚBLICO.

MARIA LUIZA SOUZA DIAS, gerente de Desenvolvimento Físico e Esportivo do Sesc São Paulo



Divinas Divas | Foto: David Pacheco

ESTREIAS EM CARTAZ

Em agosto, novas produções cinematográficas entram na programação da série *Cinema #EmCasaComSesc*, disponível gratuitamente na plataforma do Sesc Digital. Entre as longas-metragens internacionais estão *A Caça* (2013), de Thomas Vinterberg, *Dheepan – O Refúgio* (2015), de Jacques Audiard, *Border* (2019), de Ali Abbasi, e *As Maravilhas* (2015), de Alice Rohrwacher. Entre as produções brasileiras, *As Duas Irenes* (2017), de Fabio Meira, ***Divinas Divas*** (2017), de Leandra Leal, e *Cabra-Cega* (2004), de Toni Venturi. Os filmes são exibidos por *streaming*, o acesso é gratuito e não há necessidade de cadastro. Assista em <https://sesc.digital/colecao/42876/cinema-emcasacomsecc>.

NOSSA ARQUITETURA

Recém-lançado pelas Edições Sesc São Paulo e Romano Guerra, *Brasil Arquitetura: Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz, projetos 2005-2019 (2020)* é uma composição de ensaios críticos, imagens e informações técnicas sobre o premiado trabalho realizado por Fanucci e Ferraz. Organizada por Abílio Guerra, Marcos Grinspum Ferraz e Silvana Romano Santos, a publicação resgata e atualiza a expressiva produção arquitetônica do Brasil Arquitetura, escritório de Fanucci e Ferraz, responsável por diversos projetos e parcerias com nomes ilustres como a arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992).



Divulgação

DO PEITO AO PRATO

Durante a Semana Mundial do Aleitamento Materno, o Sesc São Paulo realiza a segunda edição do projeto *Do Peito ao Prato*. Na programação, que acontece de 1º a 7 de agosto, diversas atividades irão abordar a alimentação de bebês e crianças de até dois anos, enfatizando a importância do aleitamento materno até a introdução da alimentação complementar. Entre os destaques está a *live A Alimentação nos Primeiros Dois Anos de Vida*, com as nutricionistas Rachel Francischi e Regicely Aline Brandão, transmitida pelo YouTube do Sesc São Paulo no dia 4/8, às 16h. Saiba mais em www.sescsp.org.br/dopeitoaooprato



CARTOGRAFIA TEATRAL

Com curadoria da pesquisadora Silvana Garcia e direção do cineasta Toni Venturi, a série de documentários *Cena Inquieta* investiga a produção contemporânea do teatro de grupo produzido no Brasil. Para isso, a série – uma produção da Olhar Imaginário e realização do SescTV – mapeou importantes coletivos teatrais de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Recife. Uma cartografia composta por 26 documentários de 55 minutos. No dia 13/8, às 23h, um retrato da cena teatral negra de Belo Horizonte e o depoimento de artistas sobre suas poéticas, com a Cia. do Tijolo, Teatro do Osso e Inútil Canto e Inútil Pranto. Assista em www.sesctv.org.br/noar.



Cia. Capulanas | Foto: Camila Abade



Encruzilhada | Foto: Alex Ribeiro

Um olhar plural sobre os rumos estéticos e conceituais da dança entra em cena na série *Dança Contemporânea*, dirigida por Antônio Carlos Rebesco e exibida pelo SescTV. Na programação deste mês, o episódio *Encruzilhada* transita entre danças urbanas e manifestações artísticas brasileiras.

Assista em www.sesctv.org.br.

CUIDADOS E REDES DE APOIO

A partir do dia 14 de agosto, o Sesc São Paulo realiza a ação em rede *Cuidar de Quem Cuida* com foco nos cuidadores e cuidadoras de bebês e crianças até seis anos, bem como nos aspectos que envolvem o ato de cuidar. Nesta edição, o tema é “Redes de Apoio e Cuidados”. Na programação, bate-papos, *lives*, vivências e intervenções artísticas serão realizadas nas redes digitais das unidades do Sesc da Grande São Paulo, interior e litoral. Entre os protagonistas em pauta estão profissionais da educação, cuidadores de crianças com deficiência, e pessoas (não profissionais) que auxiliam cuidadores em situação de vulnerabilidade. Essa ação permanecerá nas redes do Sesc até abril de 2021.

Mais informações: www.sescsp.org.br/cuidardequemcuida



Comunicação/Sesc São Caetano



FUTURO INCERTO

PROFESSOR DE HISTÓRIA
DA USP RELATA EXPECTATIVAS
PÓS-PANDEMIA E ALERTA
SOBRE EFEITOS NO TRABALHO,
NAS RELAÇÕES SOCIAIS E NA CIDADE

Valorizar o presente. Repensar trabalho e ócio. Resignificar relações sociais. Essas são algumas reflexões manifestadas por parte da população mundial neste momento crítico da história. Além dessas questões que buscam formular uma outra normalidade pós-pandemia, para o professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) Francisco Alambert, é ainda mais importante “certa confiança na ciência e na razão, sobretudo política, do que ‘paz de espírito’ ou ‘estoicismo’”. Pesquisador na área de História Social da Arte e da Cultura, Alambert é cauteloso ao levantar possíveis resultados de um porvir: “Se essa crise fizer lembrar a importância crucial para qualquer coisa que chamemos de humanidade, de existir saúde pública, universal e gratuita, já será para se comemorar”. No entanto, o professor aponta que uma das consequências dessa pandemia provocada pelo novo coronavírus é, de fato, anterior ao atual contexto, e vem ganhando força. “Muitos dos que podem viver no ‘home office’ acabaram de descobrir isso: já são trabalhadores ‘24/7’ [24 horas por 7 dias]. A pandemia não criou esse estado, só o acelerou”, disse.

Sobre o isolamento social por conta da pandemia hoje, um pensador como Sêneca e seu olhar sobre a valorização do presente, ele mesmo acostumado às pestes comuns a Roma, ainda traz uma reflexão que serve como parâmetro?

Não sei se nos tornamos mais “estoicos” [alguém caracterizado pela rispidez; que demonstra resignação diante de alguma situação trágica] por conta do confinamento. Certamente não como os romanos. Na vida contemporânea, as ideias de ação e confiança em si estão tomadas pela autoajuda. Hoje precisamos bem mais reativar certa confiança na ciência e na razão, sobretudo política, do que “paz de espírito” ou “estoicismo”.

A situação atual, com o isolamento forçado, colocou a questão da morte como tema cotidiano. Para uma sociedade acostumada a “adiar” a morte, tal impossibilidade traz algum aprendizado?

O isolamento pandêmico coloca a morte como uma fantasmagoria, realmente. Mas não há novidade. Toda a modernidade, sobretudo no século 20, pode ser lida como a era do extermínio, das guerras, da morte. O desejo de “adiar” a morte deve ser entendido nesse contexto como uma reação (além, é claro, das promessas técnicas de longevidade trazidas pela ciência).

O homem contemporâneo está moldado para trabalhar e produzir em seu cotidiano, como analisou Foucault. De repente, seu cotidiano é reduzido ao espaço doméstico. O que essa nova realidade implica?

Foucault pensava, poderosamente, em termos de disciplinarização organizada pelos saberes constituídos em micro e

macropoderes. O espaço doméstico é apenas parte disso. Nesse caso, Marx é mais instrutivo. O sujeito do mundo neoliberal é condicionado para o trabalho constante, para uma produtividade e insegurança jurídica que o faz viver para trabalhar, tanto faz se em casa ou fora dela. Só não trabalhamos quando dormimos – por enquanto (quem dorme com o celular já está trabalhando). Há um livrinho genial de Jonathan Crary, *24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono* (Ubu Editora), que explica esse processo e sua “ciência”. Muitos dos que podem viver no “home office” acabaram de descobrir isso: já são trabalhadores “24/7” [24 horas por 7 dias]. A pandemia não criou esse estado, só o acelerou.

QUALQUER UM
QUE TENHA UM
CELULAR OU
COMPUTADOR
ESTÁ TRABALHANDO
O TEMPO TODO

Fala-se bastante em um “novo normal”, o novo cotidiano pós-pandemia. Uma pandemia como a atual é capaz de mudar valores? Por exemplo, o homem será mais solidário?

Está na moda especular que sim. Gosto dessa disposição em sonhar. Mas eu creio que não. O fim da pandemia causará alguma inflexão profunda no capitalismo global (a única realidade que une todo o planeta)?

Se a resposta for não, o novo normal será a volta ao normal com mais medo e desconfiança. Se essa crise fizer lembrar a importância crucial para qualquer coisa que chamemos de humanidade, de existir saúde pública, universal e gratuita, já será para se comemorar. Se pais, imbecilizados e consumistas, entenderem a importância do professor e da escola, já será para se comemorar. Se descobrirem que seus filhos precisam ler livros como eles mesmos nunca o fizeram, já será para se comemorar.

O isolamento também tem sido visto como redução de liberdade. O homem contemporâneo, com tantas distrações, é capaz de viver consigo próprio?

Mário Pedrosa [escritor, jornalista e crítico de arte brasileiro, 1900-1981] dizia que a sociedade moderna

SOLIDÃO E ANONIMATO SÃO “SENTIMENTOS” MODERNOS, NASCERAM COM AS GRANDES CIDADES E AS MULTIDÕES

(ele falava isso no final dos anos 1960) era uma cultura de “extrovertidos”. Por isso, seria impossível que a arte confrontasse essa cultura em seus termos. Ela deveria ser o lugar onde esse sujeito tivesse o direito de se “introverter” para criar, repensar, imaginar livremente. Mas essa utópica arte libertária perdeu feio a disputa com a indústria cultural e o mercado. Solidão e anonimato são “sentimentos” modernos, nasceram com as grandes cidades e as multidões. O sujeito contemporâneo, entretanto, não é mais capaz de ficar sozinho, nem ser anônimo na “massa”. Ele é incapaz de se distrair criativamente, livremente, como sonhou Pedrosa. Tem que estar plugado, conectado, pronto todo o tempo para ser convocado a qualquer tempo. A reclusão não muda isso, apenas aprimora. Creio que os relatos de aumento de violência doméstica, de separação de casais, de brigas entre pais e filhos são sintomas dessa nova prisão.

Esse aumento de violência doméstica contra as mulheres mostra que a questão de gênero diante da atual crise permanece em seu padrão mais arcaico de patriarcado?

De todas as utopias revolucionárias da modernidade aquela que se realizou mais profundamente foi o feminismo. Nesse sentido, é a maior conquista da “humanidade”. A posição sociocultural das mulheres nunca mais será como era há apenas 100 anos. Mas o “feminismo do homem” não acompanhou essa espetacular mudança histórica. A revolução feminista ainda está longe de se completar e as feministas sabem disso. Mas o patriarcado, ainda que tenha havido mudanças consideráveis desde a segunda metade do século 20, não chegou sequer à metade do caminho. É triste que no isolamento pandêmico vejamos o aumento desse arcaísmo violento, mas é bom que se fale sobre ele para atacá-lo e nunca mais naturalizá-lo.

Podemos dizer que outro questionamento que veio à tona neste momento é sobre o papel do corpo na contemporaneidade?

Isso ainda não dá sequer para arriscar um palpite. O corpo na contemporaneidade vem há muito tempo sofrendo transformações e normatizações. Ele veio se tornando, especialmente para as mulheres, um campo de propriedade política libertária: o *meu* corpo, o *meu* desejo, os *meus* direitos. Por outro lado, o corpo vai se tornando, dentro

da indústria cultural, um lugar de normas repressivas: meu corpo tem que ser assim ou assado, tem que ser magro, tem que ser saudável, tem que se parecer com um corpo idealizado. A isso se relacionam dois outros fenômenos temerários: a intervenção nos corpos pela genética e os corpos transformados para caber nas novas formas de trabalho. Porém, há ainda outro lugar para os corpos na contemporaneidade: os corpos “matáveis”. Como vem refletindo de modo profundo e categórico o filósofo italiano Giorgio Agamben, o mundo contemporâneo cria cotidianos campos de concentração onde a vida é desprotegida de tudo: as periferias das grandes cidades, os diferentes campos de concentração no Oriente Médio, campos de refugiados, os imigrantes que circulam em desespero pelo mundo, os africanos morrendo de Aids e de fome. A explosão atual de manifestações nos Estados Unidos surgiu justamente a partir de uma vida tão “matável” (a dos negros) que pode ser exposta para o mundo todo. Uma vida tão desprezada que pode ser encerrada pelo sufocamento causado por um policial branco que tranquilamente mantém a mão no bolso (nenhum artista seria capaz de elaborar uma imagem tão perversa) significa a percepção e a reação a este mundo no qual a vida dos deserdados está nua. A negação disso pelo povo na rua é um alento. Porém, a pandemia e sua desigual distribuição de morte não foge ao esquema.

A pandemia, de modo geral, aumentou a sensação de insegurança da sociedade.

Não apenas pela doença, mas pelas incertezas sobre o futuro.

A palavra medo é muito repetida.

No entanto, o medo em diferentes graus sempre permeou a história da humanidade e levou pensadores a importantes reflexões.

Há muitos e ótimos historiadores que fizeram a história do medo no Ocidente. Recentemente, podemos pensar o medo como personagem fundamental do mundo pós-Segunda Guerra. Medo do comunismo, medo do feminismo, medo dos negros, medo das revoluções e, sobretudo, medo da aniquilação do mundo pela guerra nuclear. Apenas este último medo parece ter desaparecido do horizonte (falsamente, pois a questão nuclear nunca foi tão perigosa quanto hoje). O neoliberalismo é por definição uma economia e uma cultura do medo e da insegurança. A ecologia, com toda a razão, lembra o medo da aniquilação do planeta pelo “progresso”. O medo da aniquilação virótica vem se somar a todos os outros. De minha parte, temo mais a aniquilação da economia mundial pela crise do capitalismo financeiro desregulado. Já aconteceu em 2008. Acontecerá novamente. Mas, se políticas de saúde universais (não privadas) forem fortalecidas para enfrentar os vírus e os medos, já será um ponto positivo.

Se de um lado fala-se em solidariedade, a sociedade de agora tem convivido com uma espécie de normalização do ódio e da reafirmação de preconceitos. Seria uma espécie de medo diante das mudanças?

Há medos (como falei acima), mas a normalização do ódio não se explica apenas por eles. O ódio, a guerra de todos contra todos, é resultado da dessolidarização social, da desigualdade como um valor ou como um estado “natural”, da precarização

do trabalho regulamentado (quando não de seu fim). Um mundo que nunca foi tão rico para tão poucos e nunca foi tão miserável para tantos poderia ser um mundo de paz e amor? A partir do final do século 20, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, os jovens terão uma vida pior que a dos seus pais (isso nunca tinha acontecido nem nos Estados Unidos nem no Brasil). Como não odiar o presente quando ele não lhe promete um futuro?

Questiona-se bastante sobre o que seria verdade e mentira na contemporaneidade. A verdade deixou de ser um valor?

De novo: a desvalorização da vida, a descrença no futuro (com toda a razão) e a certeza da imperiosa desigualdade como um valor intransponível alteram a “verdade”. Se não há futuro, se não há utopia ou transformação, a verdade é uma “narrativa” entre outras. Eu gosto do bom e velho conceito de ideologia. Como disse perfeitamente Roberto Schwarz [*professor e crítico literário brasileiro*], ideologia é o engano bem fundado nas aparências. Hoje, o “engano” ou a autoilusão (mesmo por interesse de classe) é o que desapareceu. Pois agora se mente sabendo que se mente porque a verdade não

vai mudar substancialmente o mundo. Se o mundo é *fake*, se o corpo é *fake*, se a esperança é *fake* por que a “verdade” não seria também *fake*? Esse niilismo [*doutrina filosófica que considera que as crenças e os valores tradicionais são infundados e que não há nenhum sentido ou utilidade na existência*] tem muito a ver com o ódio de que falamos. O nazismo se alimentou dele.

Junto com a pandemia vieram as modificações no trabalho – como o teletrabalho. As últimas gerações foram moldadas para trabalhar num padrão que agora se vê eclipsado. Ao mesmo tempo, fala-se numa espécie de obsolescência do ser humano diante das máquinas. O homem está frágil em relação a suas próprias invenções?

RECENTEMENTE,
PODEMOS PENSAR
O MEDO COMO
PERSONAGEM
FUNDAMENTAL
DO MUNDO
PÓS-SEGUNDA
GUERRA

É TRISTE QUE NO
ISOLAMENTO PANDÊMICO
VEJAMOS O AUMENTO
DESSE ARCAÍSMO
VIOLENTO, MAS É BOM
QUE SE FALE SOBRE ELE
PARA ATACÁ-LO E NUNCA
MAIS NATURALIZÁ-LO



Historicamente, o medo das criações técnicas é parte fundamental da modernidade. Deu ótima literatura desde o romantismo, com o *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, até a distopia das ficções científicas. No início da industrialização, os novíssimos operários destruíram máquinas temendo que elas lhes roubassem o trabalho. Eram os luddistas. Pode-se pensar que lutaram por uma causa perdida, as máquinas tinham vindo para ficar, eram produto da mesma forma (o capitalismo industrial) que criou também o trabalhador assalariado. Se o luddismo [*movimento trabalhista na Inglaterra entre 1811 e 1816, que se caracterizou pela destruição de máquinas por trabalhadores*] tinha um aspecto “conservador” (e desesperado) no sentido de querer conter o novo tempo, por outro lado, ele lançou as bases da crítica a esse novo tempo. Os trabalhadores existiam, eles mostraram, não eram “máquinas” descartáveis ou mesmo destruíveis. Eram seres de direito. O capitalismo industrial europeu acumulava capital com trabalhadores e máquinas, no mesmo momento em que nas Américas acumulava com o oposto: com escravos tratados e produzindo da forma mais “antiga” e bárbara de exploração. E um se alimentava do outro. Duzentos anos depois, essa relação entre trabalho, técnica e direitos mudou novamente, mas não para “melhor”. Na verdade, explodiu. Como já disse, de um lado a robótica ou a internet não apenas expulsam trabalhadores, mas os *cancelam*. De outro, mesmo assim, todos trabalham cada vez mais: quando você tira extrato e realiza mil operações no *homebanking*, quem está trabalhando para quem? Qualquer um que tenha um celular ou computador está trabalhando o tempo todo: para si mesmo, para o patrão, para o aplicativo, para a propaganda. Quando você vê na rua um jovem negro pedalando uma bicicleta compartilhada carregando nas costas uma gigantesca mala (como os escravos carregavam um tabuleiro nas costas) com o nome de um

aplicativo recebendo centavos por cada pizza entregue, que tipo de “trabalho” é esse? Tem mais a ver com o trabalhador assalariado do século 19 ou com o escravo de ganho das ruas do Rio de Janeiro? Nesse sentido, os neoescravos (da tecnologia ou do trabalho medonho) são obsoletos da mesma maneira que a indústria cria seus computadores e celulares: como obsolescências programadas. Aqui é o caso de lembrar novamente dos corpos “matáveis”. O capitalismo contemporâneo (neoliberal) é “luddista” à sua maneira: não destrói máquinas; destrói pessoas. Como o escravismo.

Olhando em retrospecto outros momentos agudos da humanidade, na fase atual a religião parece ter perdido muito de sua centralidade na sociedade.

A modernidade liberal acreditou de fato que as religiões seriam uma etapa superada pela racionalidade, pelo estado laico, pela técnica, pela informação. Hegel, com seu bom humor esquisito, dizia que o jornal era a oração matinal do homem moderno. Marx, menos ingênuo e mais generoso, pensou que a consciência de pertencer a uma classe internacional substituiria o “religare” místico. O famoso ensaio de Max Weber sobre a ética protestante ser a ética do capitalismo tinha o mesmo sentido. De novo saltando 200 anos, o jornal não é mais a oração das

manhãs, mas sim as tais “mídias sociais” (a “mídia tradicional” não apenas define diante das novas mídias como está sob ataque constante); a “consciência de classe” definiu junto com o trabalho até praticamente desaparecer (o único vestígio dela permanece em certos movimentos identitários que, entretanto, não se definem por classe, mas por raça ou sexualidade); e, por fim, ao contrário da afirmação, a religião em seu sentido mais dogmático, fanático e destrutivo volta solene e macabra: neopentecostalismo, fundamentalismo muçulmano, fundamentalismo judaico, fundamentalismo cristão. Em todo lugar. Inclusive sendo a base de governantes neofascistas.

A CIÊNCIA PARECE
REOCUPAR SEU
LUGAR ILUMINISTA:
SER O OPOSTO DO
OBSCURANTISMO
QUE HOJE GOVERNA
O MUNDO

E a relação com a ciência? Há uma maior confiança na ciência como vetor de respostas e soluções?

Neste momento parece que sim, que podemos recorrer à ciência como aliada da vida contra o vírus e contra a boçalidade genocida de governantes, empresários e banqueiros. Fala-se dos médicos e demais profissionais da saúde como a “linha de frente” na “guerra” contra a pandemia. Ou seja, eles seriam a nova vanguarda. Nesse sentido, a ciência parece reocupar seu lugar iluminista: ser o oposto do obscurantismo que hoje governa o mundo. Por outro lado, vemos diariamente médicos agindo na contramão, apoiando barbaridades, tergiversando, jogando pesquisas contra pesquisas. O episódio recente em que a revista *Lancet* teve que se “retratar” por dar imenso destaque a uma pesquisa justamente sobre hidroxicloroquina, sobre a qual, semanas depois, houve gravíssimas suspeitas de manipulação de dados por um pesquisador dono de uma empresa privada, só piora as coisas. Me lembro de um médico, acho que no Rio Grande do Sul, que se recusou a atender uma paciente porque ela votava em um determinado partido político. Me lembro de médicos fazendo protestos diante de hospital e piadas sobre a morte da esposa de um ex-presidente. Lembro que 45% dos médicos na Alemanha hitlerista eram filiados ao partido nazista e executaram “pesquisas” para matar mais produtivamente em campos de concentração. O melhor que a pandemia pode deixar é que os médicos repensem seu papel e sua ética, que defendam a saúde pública, que defendam a democracia.

Outras pandemias trouxeram modificações na arquitetura e nas cidades – janelas maiores, largas avenidas, menor aglomeração de casas (embora sempre acompanhadas de polêmicas). Cidades europeias que já voltaram mais ou menos ao normal acenam com mais ciclovias e incentivo à caminhada. Algo de bom será deixado pelas marcas da Covid-19?

O que transformou a paisagem das cidades não foram as epidemias. Foram a disciplinarização e a gentrificação. A cidade de Paris, na segunda metade do século 19, bem como o Rio de Janeiro do início do século 20, não eram, de modo algum, exemplos de higiene e saúde, antes o contrário. Mas a reforma urbana brutal iniciada pelo prefeito de Paris em 1850, o Barão de Haussmann, tinha dois propósitos: alargar ruas e criar amplas avenidas para o trânsito e para

O PATRIARCADO, AINDA QUE TENHA HAVIDO MUDANÇAS CONSIDERÁVEIS DESDE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO 20, NÃO CHEGOU SEQUER À METADE DO CAMINHO

impossibilitar as barricadas revolucionárias que tomaram a cidade de 1830 até 1848; separar “racionalmente”, organizadamente, os ricos dos pobres, criar literalmente centro e periferia. Nesse processo, surgia uma cidade saudável e higiênica para os ricos (aqui em São Paulo há um bairro que foi construído para a mesma finalidade e que se chama Higienópolis) e outra completamente diferente para aqueles que trabalhavam na cidade “higiênica”, mas moravam na “outra” cidade. Não preciso dizer que as reformas do prefeito Pereira Passos (que estudou em Paris na época de Haussmann) tinham o mesmo sentido. Evitar as constantes epidemias e pragas que assolavam o Rio desde os tempos coloniais era no máximo uma boa desculpa. Essa estrutura da vida urbana nasceu por motivos políticos e só poderá mudar por motivos políticos também. Se o episódio da pandemia servir para melhorar algo dessa estrutura, como os exemplos que você deu, de minha parte, acho muito bom. Muito mais importante, porém, para mudar políticas e cidades, é o povo na rua. Reivindicando a cidade como sua, como bem comum, como comunidade. Como muitos negros e alguns brancos têm feito nas ruas das cidades dos Estados Unidos em meio a uma pandemia que é terrível, mas que não é o pior dos males. Os governantes fascistas é que são. ■

Um palco em casa



MD



SE



NP



GG



FP



JA



MT



HM



NO AMBIENTE DIGITAL, ARTISTAS EXPERIMENTAM NOVOS SUPORTES E LINGUAGENS PARA LEVAR A DRAMATURGIA AO PÚBLICO

No apartamento, luzes apagadas, computador e celular a postos. Momento de checar, pela última vez, as mensagens. Roberta e Paulo, distantes geograficamente, conversam pelo *chat* enquanto a transmissão não começa. “Guarda um lugar para mim do seu lado”, ela brinca. Soa o terceiro sinal. Silêncio. O espetáculo vai começar... É assim, desde que os teatros fecharam as portas. “Uma outra coisa que não é cinema, não é televisão, não é teatro, mas é, sem dúvida alguma, uma nova linguagem”, diz a atriz Bete Coelho. Descortina-se a tela para uma plateia virtual. São transmitidas *lives* em redes sociais, apresentações em aplicativos de videochamadas e gravações em plataformas de *streaming on demand*. Experimentos que devolveram a artistas, diretores, produtores, técnicos e público a possibilidade de se reencontrarem na pandemia.

Ainda que alguns torçam o nariz e entrem em discussões sobre o que é ou não é teatro, o professor titular do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) Luiz Fernando Ramos pondera as críticas. “A presença é essencial para o teatro e essa mística que o envolve. Esse encontro ao vivo entre ator e espectador. Há 20 anos, alguns teóricos vêm discutindo o mito da presença. Essa presença física e ao vivo seria o real mais real que a telepresença, a presença à distância”, observa. “Mas o fato de não haver uma presença física e essa

A solidão e outros desafios do isolamento social são temas abordados em *A Arte de Encarar o Medo*, espetáculo criado para a plataforma digital pelo grupo Os Satyros



presença ser remota não deve ser algo que a desqualifique. Afinal, algum tipo de olho no olho se acaba tendo nessas *lives*.”


Dessa forma, segundo o professor, o atual momento de restrição pelo qual as *Live Arts* (Artes Vivas) – performance, dança e teatro – estão passando desafia artistas e produtores a pensar soluções. “Eu sei que muitas companhias estão trabalhando e formulando encontros virtuais. Encontros não só para discussão, mas para processos criativos. Alternativas como *podcasts*, *lives*, tecnologias da comunicação e do audiovisual”, acrescenta.

O fato é que, historicamente, o caminho percorrido pelo teatro passa por soluções criativas. Muito antes dos obstáculos à presença impostos pela pandemia, o teatro derrubava fronteiras para chegar ao público. Fosse pelas ondas do rádio, com o início do rádio teatro na década de 1930, ou pelas antenas da televisão, em programas como o *Grande Teatro Tupi*, exibido entre 1956 e 1965, com a participação de nomes importantes do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), como Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg (*leia o P.S. de Emerson Pirola nesta edição*). Quanto ao formato digital, ele começou a ser plataforma para o teatro no século 21. A exemplo do Teat(r)o Oficina, que, a partir de 2007, passou a transmitir seus espetáculos pela página da internet.

Experimentar o imprevisto

Hoje, a experiência da criação e adaptação de espetáculos teatrais para o meio digital instiga artistas. Para a atriz Denise Fraga, que apresentou *Galileu e Eu – A Arte da Dúvida* em *live* para o Sesc Ao Vivo (*leia boxe Bom espetáculo!*), o primeiro pensamento foi: “Vou fazer como se estivesse no teatro”. Mas, nos ensaios, a atriz se questionou: “Qual é a possibilidade teatral em relação àquela lente e em não usar a lente como no audiovisual, ou seja, não fazer teatro para uma lente? Mas o que seria a teatralidade em relação àquela lente?”.





**"É um
exercício de
fé: confiar
que atrás
daquela
lente tem
gente"**

Denise Fraga em foto
de divulgação do
espetáculo
Galileu Galilei



João Caldas

A partir daí, Denise encontrou uma saída. “No nosso caso, a gente usou essa aproximação e recuo da lente a um metro e meio, no máximo, porque, cada vez que eu me afastava muito dela, eu sentia que aquilo não reverberava mais como teatro, tampouco como audiovisual. Perdia-se a comunicação”, revela.

Já no caso do ator Matheus Nachtergaele, que havia apresentado *Processo de Conscerto do Desejo* em teatros de vários tamanhos pelo país, acompanhado no palco por dois músicos, para a *live* de *Desconscerto*, ele criou uma atmosfera mais intimista. Um cenário particular para os poemas de sua mãe, Maria Cecília Nachtergaele (1946-1968). “A possibilidade me pareceu, a princípio, difícilíssima, uma vez que o ‘ao vivo’ não poderia acontecer em sua plenitude, não haveria presença. Por outro lado, a pandemia garante que essas *lives* sejam o ao vivo possível. Então, me joguei na aventura com bastante emoção e empenho”, recorda.

Em casa, Matheus escolheu a sala como locação, utilizou as próprias luzes e refletores para iluminação e teve ajuda de dois técnicos do Sesc São Paulo – um para registrar a transmissão, outro responsável pela desmontagem dos poucos equipamentos utilizados, também encarregado de apertar o play da música em cena. “Não me preocupava só o tamanho da interpretação, a dilatação da interpretação que para teatro e cinema é muito diferente – com isso estou acostumado. Me preocupava o que aconteceria com o ator fazendo teatro e se sentindo sozinho”, destaca.

Para contornar aquele sentimento, ele decidiu fazer dos técnicos, nos bastidores, sua plateia e imaginar que o pai, Jean Pierre (que morreu em dezembro de 2019), estaria assistindo ao filho, pela câmera. “O terceiro sinal foi dado e eu me atirei na aventura. Durante a *live*, aconteceu um pequeno milagre – eu comecei a me sentir absolutamente em cena apesar da solidão e das limitações. Apesar de estar em casa”, declara. ▶

Peças na rede

APRESENTAÇÕES DISPONÍVEIS NA INTERNET FOMENTAM O SEGMENTO E ESTREITAM O CONTATO ENTRE ARTISTAS E PLATEIA

De portas fechadas desde o início da pandemia, diversos espaços teatrais buscam alternativas para que artistas, diretores, cenógrafos, produtores, técnicos e outros profissionais do segmento mantenham seus trabalhos. Ações que também visam ampliar o alcance de público a espetáculos antes limitados por barreiras geográficas, bem como formar plateia e, principalmente, inspirar adultos, jovens e crianças nesse momento [leia em *Encontros a reflexão do psicanalista Christian Dunker sobre o atual papel da cultura*].

Conheça algumas dessas ações no meio digital que encurtam a distância entre a arte dramática e o público:

Teatro Bibi Ferreira

A ação *Teatro Bibi Ferreira Play* é dedicada principalmente às crianças. Espetáculos como *O Mágico de Oz*, *Chapeuzinho Vermelho* e *o Lobo*, entre outros, podem ser vistos online. A iniciativa é fruto de uma parceria do teatro com a TVDA – TV Das Artes e traz de volta alguns espetáculos para que o público possa assistir em casa. Os ingressos estão à venda pelo site Sympla, pelo qual as peças são transmitidas por *streaming*.

Confira a programação:

<https://teatrobiberreira.com.br/>

Espectáculos Online

Esta plataforma colaborativa criada por artistas e produtores dá acesso gratuito a espetáculos de teatro, dança e circo. O objetivo é promover a conexão entre os artistas, suas obras e o público principalmente na pandemia. Entre os espetáculos disponíveis por *streaming* e *on demand*, estão *Incêndios* (2014), com **Marieta Severo** (foto) e direção de Aderbal Freire-Filho, e o musical *Josephine Baker – A Vênus Negra*, com Aline Deluna e direção de Otávio Muller. O tempo de disponibilidade das gravações é determinado pelos artistas e produções de cada espetáculo.

Assista:

<https://espectaculosonline.com/>





Theatro Municipal de São Paulo

A ação *Municipal Online* permite ao público assistir gratuitamente, pelo canal do Theatro Municipal no YouTube, a performances e apresentações de temporadas anteriores. Na programação, entre os destaques, estão os espetáculos do Balé da Cidade de São Paulo:

← **A Biblioteca de Babel** (foto), inspirado no conto homônimo do escritor argentino Jorge Luis Borges, e *A Sagração da Primavera*, do russo Igor Stravinsky. Este último foi apresentado em 2018, no ano de cinquentenário do grupo, e ganhou remontagem em 2019. As gravações foram feitas pela TV Cultura, emissora parceira do Theatro Municipal, e os vídeos estarão disponíveis pelos próximos meses.

Assista: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/>

Fabiana Stig

Os Satyros

Em temporadas digitais, a companhia apresenta espetáculos pela plataforma de videoconferência Zoom. A solidão, a vida digital, o medo do contágio e da morte, os desafios do isolamento social são temas abordados em *A Arte de Encarar o Medo*. “Um jeito de dizermos para nós mesmos que a vida não basta, sabe? Precisamos da resistência!”, descreveu o roteirista e ator Ivam Cabral no site do grupo, que, desde 2009, vem pesquisando suportes tecnológicos dentro da experiência teatral.

Confira a programação: <http://satyros.com.br/>

Teatro PetraGold

Garantir aos profissionais do segmento cultural a possibilidade de voltar ao trabalho neste momento de pandemia é um dos objetivos do projeto *Teatro Já*, criado pela atriz Ana Beatriz Nogueira e pelo ator e gestor do Teatro PetraGold, André Junqueira, responsáveis pela curadoria do teatro. Na programação, temporadas com peças curtas (de até 50 minutos) transmitidas ao vivo no palco do PetraGold. A estreia do projeto foi no dia 4 de julho com *Os Vilões de Shakespeare*, protagonizado por Marcelo Serrado. Em agosto, destaque para a temporada de *A Esperança na Caixa de Chicletes Ping Pong*, com Clarice Niskier. Ingressos a preços populares.

Confira a programação: www.teatropetragold.com.br

Teat(r)o Oficina

Depois do fechamento e suspensão das temporadas, um dos grupos teatrais mais importantes do país realiza uma campanha para manter mais de 60 profissionais durante a pandemia. Dirigido por Zé Celso, o Oficina ainda lançou o “ingresso solidário”, cuja renda será direcionada ao fundo emergencial da companhia. Esse ingresso dá direito à entrada nos eventos que acontecerão no Teat(r)o Oficina e tem validade de um ano após a reabertura do espaço. Saiba mais:

<https://teatrooficina.com/>



Itaú Cultural

Desde junho, o Itaú Cultural passou a exibir pelo site da instituição uma série de espetáculos. Com o nome *Palco Virtual*, peças para crianças e adultos, além de festivais, foram disponibilizados gratuitamente. Na programação, destaque para a peça *Fim de Jogo*, de Samuel Beckett, sobre a relação entre um patrão e um empregado isolados num abrigo em meio a um cenário pós-apocalíptico – com **Renato Borghi** (foto) e Elcio Seixas. O espetáculo, dividido em seis episódios, pode ser assistido até o dia 3 de agosto.

Saiba mais: www.itaucultural.org.br



Roberto Setton



Daryan Dornelles

► O ator descreve que, ao longo da apresentação, o espetáculo foi “tomando sua feitura”. “Fui aprendendo o tom, entendendo o que era isso, o que era aquela coisa do meu pai estar do outro lado, de ser uma carta gravada ou transmitida diretamente para ele. Fui ficando muito comovido como ator, ou melhor, fui tendo uma performance viva, emocionada, descarnada”, relata.

Matheus conta que, além disso, descobriu novas camadas da peça, cujo nome ele mudou para *Desconcerto*. “Por motivos óbvios, já que tudo está desmontado, já que estamos desconcertados diante da pandemia”, explica. “Também consegui explorar meu conhecimento cinematográfico para criar vários planos e profundidades e dirigi a luz. Foi um trabalho muito, muito importante, para um ator, para um artista durante a pandemia. Me senti vivo na medida em que nos é possível.”

Presença física

Para a atriz Bete Coelho, que também se apresentou na *live* de teatro do Sesc Ao Vivo, levando ao formato digital outra construção do espetáculo *Mãe Coragem*, a ausência da plateia surte efeitos. “Para começar, [essa presença] afeta o batimento cardíaco, a temperatura, a vibração, a ansiedade e a percepção que nós temos, imediata, da plateia, do que a plateia está sentindo naquele exato momento pelos olhos, expressões, movimentos, palmas finais ou silêncio”, comenta. “Ao mesmo tempo, isso é substituído por *likes*, comentários, coraçõezinhos etc.”

“O terceiro sinal foi dado e eu me atirei na aventura”

Matheus Nachtergaele,
que apresentou *Desconcerto*



Tendo na direção do espetáculo o cineasta e marido Gabriel Fernandes e a diretora e cenógrafa Daniela Thomas (de maneira remota), a atriz buscou outra forma de sentir a adrenalina provocada pela materialidade do público. “A *live* traz um pouquinho disso porque tem essa coisa de ser ao vivo. Então, dá uma certa suspensão para que tudo dê certo, para que seja fluente, para que não caia, para que a conexão esteja boa...”, diz. “Mas a ideia de que tem alguém assistindo ou não, gostando ou não, é completamente diferente.”

Exercício de atenção

Para Denise Fraga, a ausência física da plateia é um grande nó. “É um exercício de fé: confiar que atrás daquela lente tem gente, naquela hora, tossindo ou em estado de presença. Você tem que exercitar essa fé para não achar que o cara tá indo beber água ou tá olhando no celular enquanto está te vendo, já que esse ‘estar em casa’ permite muito isso”, constata. “Novos tempos, mas muito curioso. É um negócio instigante.”

Bete Coelho concorda com a colega sobre o desafio enfrentado pelo público neste cenário: “É praticamente impossível imaginar como essas pessoas assistem. Podem estar no banheiro, na cama ou fazendo outras atividades”.

Ou seja, para quem vê as interpretações em casa, é necessário descobrir uma nova forma de dar o salto e deixar-se levar, durante meia hora ou mais, pela dramaturgia. “Eu já desisti de chegar até o final [*como espectadora*], mas muitos trabalhos me surpreenderam de maneira positiva a ponto de ficar ligada, quieta, em silêncio e ir até o fim”, conta Bete.

Aos poucos, o público vem se adaptando a este outro formato. “Como espectadora, tenho cada vez mais me ‘adestrado’. Acho que também é um exercício de atenção. E é engraçado porque também não é um filme que você vê ali”, destaca Denise Fraga. “Mas sinto que quando a pessoa que está fazendo a *live* de teatro experimenta romper os códigos do audiovisual – não ser só uma pessoa falando ali, e fazer coisas surpreendentes que a gente não vê muito em filmes, séries ou mesmo em *lives* – essa surpresa me captura.”

Bom espetáculo!

PROGRAMAÇÃO DIVERSIFICADA
PARA ADULTOS, JOVENS E
CRIANÇAS ASSISTIREM DE CASA

Celso Frateschi, Sérgio Mamberti, Irene Ravache, Grace Passô, Denise Weinberg e Antônio Pitanga foram alguns dos artistas que visitaram os lares de milhares de espectadores nos últimos meses. Atrás das telas de celulares e computadores, atores e atrizes interpretaram textos que inspiraram e emocionaram assíduos frequentadores de teatros e também quem nunca teve a chance de assistir a um espetáculo.

Ainda que as *lives* de teatro não substituam o encontro presencial, essa nova linguagem foi a alternativa encontrada para promover o trabalho de profissionais desse segmento e a fruição cultural de diversos públicos. “O Sesc, mantendo sua missão de fomento às artes, continua em diálogo com os artistas, abrindo espaço para adaptações do que era realizado presencialmente para o ambiente virtual, contribuindo para novos formatos e experimentações nas linguagens e na relação com os públicos”, explica o superintendente técnico-social do Sesc São Paulo, Joel Padula.

“Essa é uma forma de a instituição seguir cumprindo seu papel social por meio da remuneração dos artistas neste período.” Confira a programação no Instagram do Sesc Ao Vivo e no YouTube do Sesc São Paulo – www.youtube.com/sescsp.

A atriz Denise Weinberg, que apresentou *Testamento de Maria*, integra o grupo de artistas nas *lives* de teatro transmitidas pelo Sesc ao Vivo





O que fica

Seja artista ou plateia, o que ficará de legado de todas essas experiências no momento em que os teatros puderem reabrir? “Como estou nessa investigação, acho que a gente tem um campo cada vez maior para pesquisar. Acho que vai ser uma coisa que, sem dúvida, não vai substituir o teatro, porque nada substitui esse ritual de reflexão e encontro que é o teatro. Esse templo poderoso de ideias. Mas acho que é uma novidade a que se prestar atenção”, analisa Denise Fraga.

Entre os pontos positivos dessa alternativa encontrada para o reencontro de artistas e público, a atriz Bete Coelho salienta um novo alcance de montagens e textos: “Acho que,

entre outras coisas, um aspecto bem legal é ter acesso a um grande número de montagens históricas, emblemáticas de todos os lugares do mundo. Às vezes, espetáculos de que você ouviu falar e nunca assistiu. Por exemplo, vi uma montagem de Bertolt Brecht e a interpretação de Helene Weigel. Isso é um presente, e se não fosse a plataforma digital eu jamais teria acesso”.

Além disso, o meio digital permite a difusão do pensamento teatral. “Sobretudo agora, nesse momento pandêmico, você pode se conectar com o pensamento do teatro atual, com as soluções que os artistas propõem, com as limitações, as reflexões inusitadas que a gente vê, sobretudo nas *lives*”, analisa Bete. “E pode entender como é importante o pensamento teatral numa dimensão social e política. Você acaba conhecendo atores, autores, textos.”

Como ainda não há uma data certa para o retorno aos palcos e circos, o recurso das *lives* tem espaço garantido. Para Matheus

“Acho que, entre outras coisas, um aspecto bem legal é ter acesso a um grande número de montagens históricas, emblemáticas de todos os lugares do mundo”

Bete Coelho, que apresentou *Mãe Coragem*



Artista: Bruno

42
APRESENTAÇÕES
+ 203 MIL
VISUALIZAÇÕES
*LIVES DE TEATRO DO SESC
(de 15 de maio a 26 de julho)

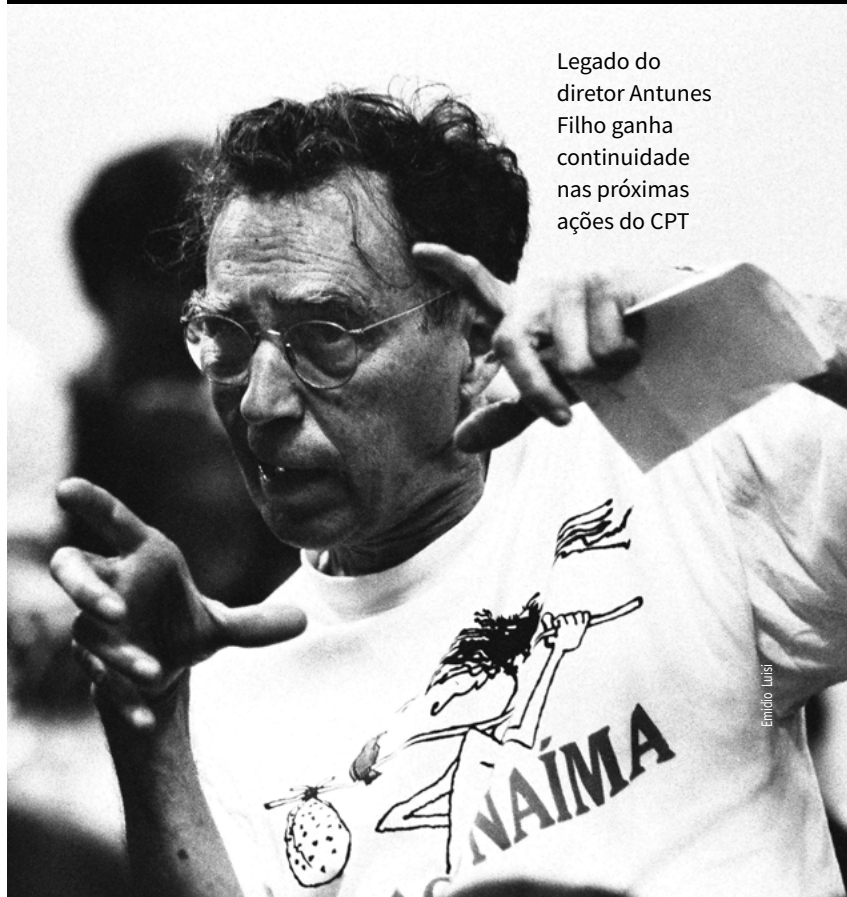
Nachtergaele, ficou inaugurada uma forma de fazer teatro “que deveria ganhar outro nome”. E conclui: “Me parece que está sendo inventada uma nova maneira de expressão, algo que une a tecnologia, o cinema, a TV e o teatro num só. Uma coisa muito bonita e que mostra como o ser humano se adapta, efetivamente, a condições terríveis, sempre”. ■

Próxima cena

PROGRAMAÇÃO REÚNE DIRETORES PARA REFLEXÕES E EXPERIMENTAÇÕES EM NOVA FASE DO CENTRO DE PESQUISA TEATRAL (CPT)

Em agosto, o Sesc São Paulo dá continuidade às ações do Centro de Pesquisa Teatral - Sesc, em diálogo com o legado do mestre e coordenador Antunes Filho (1929-2019). Um desafio frente ao momento de pandemia, em que práticas, encontros e fruição delimitam-se a ambientes predominantemente virtuais. Nesse contexto, o CPT foca em ações que contemplem a experimentação com e a partir dos novos meios disponíveis. Além disso, propõe a expansão e fundamentação de sua atuação por meio de cinco eixos de ação: Formação de Atores; Criação e Experimentação; Dramaturgia; Cenografia; e Memória, Acervo e Pesquisa. As plataformas digitais do Sesc irão transmitir a programação, que estreia com o Seminário CPT 2020. Durante o mês, diretoras e diretores do Brasil e de outros países irão conversar sobre novas teatralidades, possíveis estratégias, fundamentos do teatro entre outros assuntos que emergem do momento atual.

Legado do diretor Antunes Filho ganha continuidade nas próximas ações do CPT



Emílio Lusi

No compasso



ritmado



SOLTE O CORPO
AO SOM DO XOTE
E DA EMBOLADA

Xote, Xótis ou até Chótis. A palavra vem de *Schottisch*, em referência à polca escocesa. Em Portugal, o gênero é conhecido pelo termo *chotiça*. E o mexe e remexe não parou por aí. Atravessou o oceano e veio dar no Brasil, por volta de 1851, pelas mãos do professor de dança José Maria Toussaint. Durante o Segundo Reinado, a aristocracia se esbaldava nos salões com a melodia, que também caiu no gosto da população escravizada.

Dessa forma, em pouco tempo, o xote se popularizou e tornou-se marca de compositores nacionais até os dias de hoje. “Tanto a embolada quanto o xote são gêneros musicais utilizados na canção popular brasileira”, afirma o dançarino, músico e coreógrafo Antonio Nóbrega, estudioso da cultura popular.

Por falar em embolada, ela tem uma origem diferente da do xote. Trata-se de um gênero poético-musical surgido da tradição oral da cultura popular do Nordeste brasileiro. Nos anos 1920, despertou a curiosidade de Mário de Andrade, que pesquisou e



Arquivo MAPP - Museu de Arte Popular da Paraíba

Obra de Jackson do Pandeiro tem raízes muito profundas nas tradições nordestinas e ao mesmo tempo é visionária



registrou emboladas durante viagem de estudos à região. A manifestação ganhou espaço no território nacional entre as décadas de 1970 e 1980, época em que os emboladores estiveram presentes no rádio, nos discos e em programas de televisão.

O Maestro Chiquito (Francisco Fernandes Filho) explica que a embolada é uma das modalidades do coco (dança e ritmo originados do canto dos catadores de coco, com influência indígena e dos batuques africanos). “Existem inúmeros tipos de coco: o coco de embolada, no pandeiro, trupé, o samba de coco”, relata o maestro.

De acordo com Antonio Nóbrega, congregar o coco é uma das características que distinguem o xote da embolada. O coco se desdobra em modalidades poéticas, sendo a carretilha a mais comum. “É usada pelos sambistas, por Noel Rosa e, modernamente, por Chico Buarque. Eu também uso, Alceu Valença usa”, acrescenta.

Nota por nota, como se forma a carretilha? “A carretilha se constitui por quatro versos. O primeiro com quatro sílabas e os demais com sete, sendo que o segundo rima com o terceiro”, ensina Nóbrega.



Luana Flores, cantora e artista, acredita na possibilidade de trazer novos paradigmas ao conjunto de ritmos

Ana Moraes

PONTA DE LANÇA

O xote viajou nosso território. É encontrado no Sul, quando ouvimos o xote gaúcho, e no Nordeste, pela sanfona de Luiz Gonzaga (1912-1989), entre vários músicos que difundiram o ritmo, e pela batida da zabumba. Outro mestre da composição nordestina é Jackson do Pandeiro.

Fernando Moura, um dos autores de *Jackson do Pandeiro: O Rei do Ritmo* (2001, edição esgotada), põe Jackson no “epicentro da construção da identidade musical brasileira”, que na linha da história foi representada por pessoas e movimentos. Desde Chiquinha Gonzaga, ao aparecimento do samba na cena urbana, passando pelos cantores românticos das décadas de 1920 a 1940, as cantoras do rádio, até o movimento do baião de Luiz Gonzaga, seguido pela bossa nova, tropicália e o BR Rock. Além disso, há os movimentos com raiz no Nordeste que nos anos 1990 migraram para o Sudeste, redimensionando a música regional e outras vertentes.

Verbete dançante

PROFESSOR
DESDOBRA OS GÊNEROS
E SUAS INFLUÊNCIAS

“**A** embolada e o xote são dois ótimos exemplos da nossa enorme riqueza cultural. Pensando em gêneros musicais que se assemelham a essa descrição, é fácil ver uma conexão com a rumba cubana e o blues dos Estados Unidos. Pelo aspecto específico da improvisação, a embolada tem uma ligação muito evidente com o rap, mas eu vejo também uma relação direta com o *dixieland* [subgênero do jazz vinculado a *New Orleans*] e o jazz.

O pensamento de improvisação como desenvolvimento de ideias curtas (motivos), a ligação com uma ideia original, o desafio entre improvisadores, tudo isso são elementos ancestrais que vieram da África e germinaram frutos diferentes de acordo com o local e época. Aos poucos o xote foi sendo incorporado à grande família musical do baião, ritmo por sua vez claramente derivado do norte da África, e passou a fazer parte do repertório dos forrós.

A divisão rítmica do xote é diferente, com interpretação *tercinada*, que é algo visto na música do Marrocos, Egito, Tunísia, mas que as pessoas associam ao reggae jamaicano e (outra vez) ao jazz. A obra do Jackson do Pandeiro é valiosíssima, um colosso que trouxe tanto uma história de raízes muito profundas quanto olhou alto para o futuro. Para mim, Jackson está no mesmo panteão que Luiz Gonzaga, Jobim e Villa-Lobos.”

CARLOS EZEQUIEL é professor da Faculdade Souza Lima, em São Paulo, e autor dos livros *Interpretação Melódica para Bateria, Baião e Ritmos Nordestinos*, e *Música Brasileira em Métricas Ímpares*, lançados no exterior pela Ed. Advance Music e no Brasil pela Ed. Souza Lima.



Silvia Machado

“TANTO A
EMBOLADA
QUANTO O XOTE
SÃO GÊNEROS
MUSICAIS
UTILIZADOS
NA CANÇÃO
POPULAR
BRASILEIRA”

Antonio Nóbrega

Nesse mapa, “Jackson entra eletrizando com o coco, frevo, samba, samba de latada, xote”, cita Moura. O artista soma 435 músicas catalogadas, número que evidencia a diversidade de ritmos de sua discografia. Não à toa é chamado rei do ritmo, “em consequência da sua diversidade, do seu olhar precioso, vigoroso para os diversos gêneros. Ele traz a faceta urbana do nordestino que está na cidade, na construção desse Brasil que começou a ganhar uma dimensão de progresso a partir da década de 1960, inserindo-se nele”.

Em Jackson há surpresa em cada audição. “Por causa dos elementos diversificados, apesar de a estrutura musical ser específica. Isso o diferencia nesta constelação, mas o coloca no topo da cadeia de construção da nossa identidade musical, não apenas a nordestina, mas a brasileira, conferindo a dimensão da sua música no contexto mundial”, observa.

BATIDA RENOVADA

Luana Flores, cantora, DJ, beatmaker, percussionista e artista que se apresentou em uma das atividades integradas da exposição *À Nordeste*, em cartaz na unidade 24 de Maio em julho do ano passado, acredita na possibilidade de trazer novos paradigmas ao conjunto de ritmos. “Muitas vezes, eles são permeados por letras machistas, gordofóbicas, lesbofóbicas”, destaca. “Dessa forma, busco entender a estética como política, pensar a música como veículo de reconstrução social e reverenciar a minha ancestralidade matriarcal nos trabalhos que produzo.”

Em agosto, a artista leva ao público um novo material sonoro e audiovisual que apresenta “um pouco do universo feminino da reza, das benzedeadas e como essa prática vai se moldando nos tempos atuais/virtuais”. Luana é uma das fundadoras do grupo *Coco das Manas*, e dessa experiência iniciou sua pesquisa com foco na musicalidade da cultura popular nordestina como uma ferramenta social para o empoderamento feminino. A sua trajetória é um dos exemplos de artistas jovens que resgatam e renovam gêneros musicais, originando combinações que resultam no *eletrococo* e *eletrobaião*, unindo as vozes e percussões da tradição nordestina aos *beats* eletrônicos.

Porém, a fusão não se limita aos *beats* e batidas. Luana se considera parte de uma geração de mulheres nordestinas livres para falar sobre as opressões e as lutas cotidianas. “Vejo de extrema importância fazer isso pelos sons da nossa cultura e transportá-los não só para um universo de *beats* eletrônicos, mas também para uma atmosfera de luta contra as opressões sociais”, finaliza. ■



Elisa Galvota

Artistas saúdam o público durante show em homenagem ao centenário de Jackson do Pandeiro, em agosto de 2019, no Sesc Santana

Rei do balanço

ÁLBUM DIGITAL CELEBRA LEGADO DE MÚSICO E COMPOSITOR PARAIBANO

O centenário de Jackson do Pandeiro (1919-1982) ganhou comemoração à altura de seu legado pelo Selo Sesc. *Sessões Selo Sesc #8: Toada Improvisada – Jackson do Pandeiro 100 Anos* pode ser ouvido no Sesc Digital (<https://sesc.digital/colecao/43138/sesses-selo-sesc-8-toada-improvisada-jackson-do-pandeiro-100-anos>).

O álbum digital foi gravado no dia do centenário do compositor paraibano, em 31 de agosto de 2019 no Sesc Santana. São 21 canções do repertório de Jackson em releituras conduzidas pelo violinista francês Nicolas Krassik, a cantora espanhola Irene Atienza e os brasileiros Junio Barreto, Silvério Pessoa, Mariana Aydar e Targino Gondim, acompanhados pelo violão de sete cordas de Gian Correa, pela sanfona de Cosme Vieira e pela percussão de Kabé Pinheiro.

Toada refere-se ao conjunto de sons de vozes, em cantigas de melodias simples, textos curtos com sentimentos sob medida, estruturados por um belo refrão para se cantar junto. “É uma homenagem para esse gênio da música popular brasileira”, comenta o músico pernambucano Silvério Pessoa.

Outros lançamentos do Selo Sesc também estreiam na plataforma Sesc Digital antes de chegar aos canais musicais de *streaming*.



Arquivo MAPP - Museu de Arte Popular da Paraíba

Terra de encontros

EXUBERÂNCIA DA FAUNA E DA FLORA DO PANTANAL

É RESULTADO DA VARIEDADE DE BIOMAS

Com um território de cerca de 150 mil km², o Pantanal é o menor bioma brasileiro em extensão ao mesmo tempo que preserva um dos maiores percentuais de cobertura vegetal ainda em condições similares à original. Ou seja, uma área de aproximadamente 120 mil km² (que no Brasil abrange os estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), formada por campos inundáveis, florestas e savanas, entre outros exemplos. Sua importância é tão grande que, na Constituição brasileira, é designado como Patrimônio Nacional. Além disso, é considerado Reserva da Biosfera e Sítio do Patrimônio Mundial pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

De acordo com o professor de Ciências Biológicas e Ambientais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) Sandro Menezes Silva, costuma-se afirmar de “forma genérica” que o Pantanal, embora esteja sob ameaça, é o bioma mais conservado do Brasil. “Sua biodiversidade é notável, não tanto pelos seus números, mas pelas contribuições que os biomas vizinhos têm na sua flora, fauna e dinâmica ecológica”, explica.

VÁRIOS PANTANAIS

O fotógrafo João Farkas fez expedições à região para documentá-la. Durante os cinco anos de trabalho, fez registros que

resultaram no livro *Pantanal* (Edições Sesc São Paulo, 2020). A vivência também trouxe aprendizados geográficos. A existência de uma inter-relação de “solo seco, molhado, vegetação flutuante, subaquática e terrestre oferece riqueza e uma peculiaridade visual. A questão dos reflexos, das transparências cria oportunidades fotográficas únicas. Acrescente-se a variedade de aspectos entre os vários Pantanaís”, relata, baseando-se na conexão entre o território brasileiro e os demais exemplificados no livro. ■

As legendas das imagens possuem links para o áudio do autor com a explicação de cada uma.

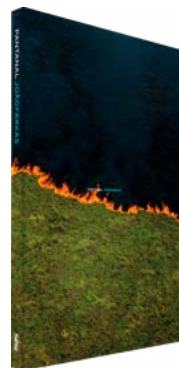
VISTO DOS ARES

João Farkas cria linguagem visual com imagens inusitadas para retratar paisagem

Em sua experiência, o fotógrafo João Farkas, autor de *Pantanal* (Edições Sesc São Paulo, 2020, 160 páginas), revela que cada bioma exige uma aproximação visual, e com o Pantanal o arsenal estético é particular. Recorre ao poeta Manoel de Barros (1916-2014) para a tarefa de descrever a região onde “terra e água se misturam e se fecundam”. Para Farkas, a amplitude e horizontalidade são intensas: “As coisas estão muito próximas ou muito longe do ponto de vista do fotógrafo. Isso acabou me levando a uma visão aérea, quando a composição se torna interessante, sem a onipresença do horizonte”.

Para se aventurar com rumo, a bússola fica por conta do professor de Ciências Biológicas e Ambientais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) Sandro Menezes Silva, que assina um texto ao final do livro sobre as características do Pantanal e discorre sobre pontos esclarecedores da fauna, agropecuária, turismo, povos indígenas. Em contraste com a destruição de algumas espécies, “o Pantanal mantém populações saudáveis, como é o caso da arara-azul-grande, da onça-pintada, do cervo-do-pantanal e do tatu-canastra”, comenta o professor.

Farkas tinha como meta “fugir de imagens-clichês”. A riqueza estava no inesperado. Ao priorizar imagens inusitadas, conseguiu “atenção ao trabalho, cuja missão subjacente é alertar as pessoas para o processo de degradação ambiental do bioma”. Para atingir seu intento, propôs uma nova abordagem: “A visão aérea, a variedade de situações geográficas e a necessidade de fugir de imagens já vistas me levaram a uma aproximação *abstrata* com a paisagem”.



Divulgação



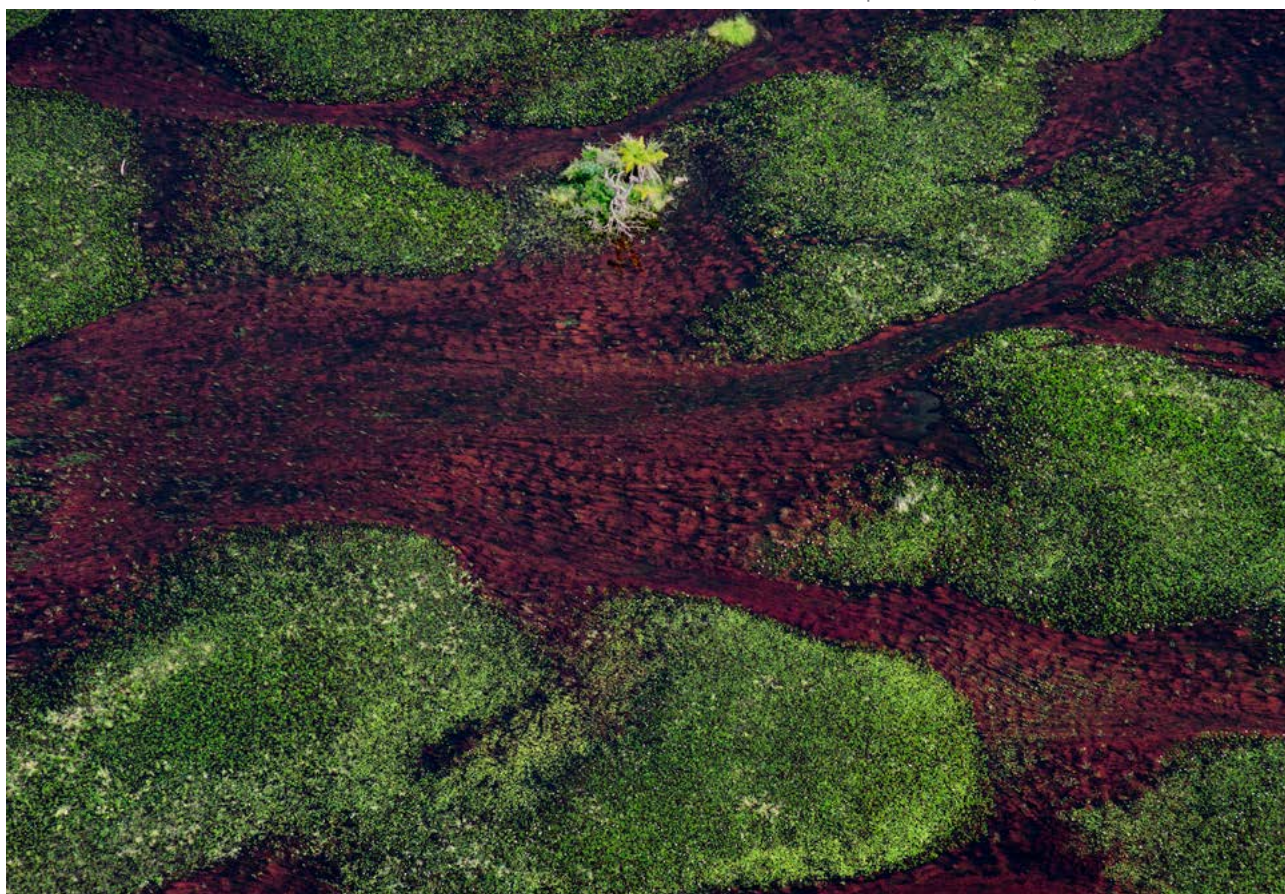
Imagens: João Parkes

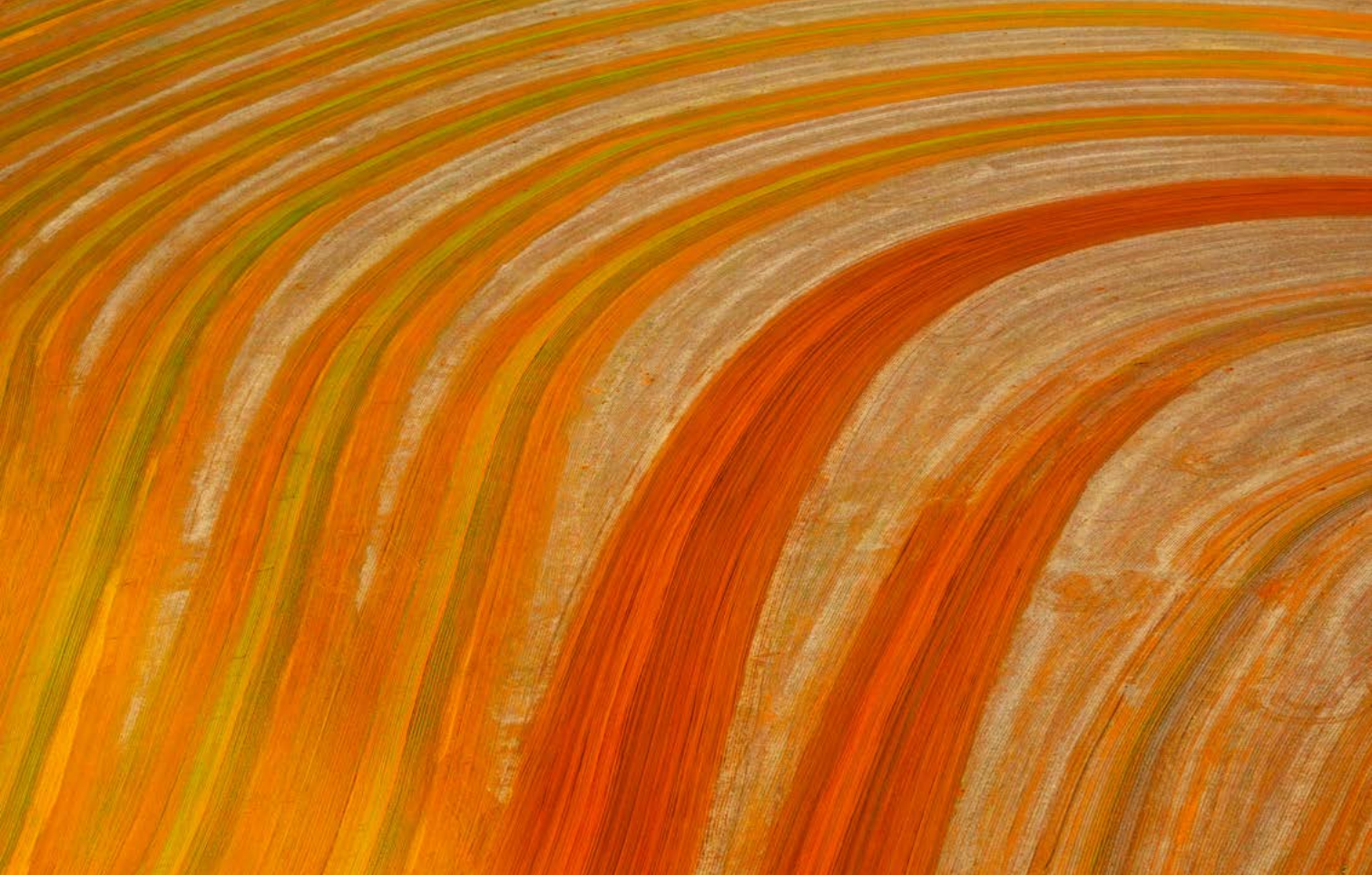
Nhecolândia – Sequência de baías



▲ Nhecolândia – Baía

▼ Vazante do Castelo – A vegetação vermelha é subaquática e a verde, flutuante





▲ Alto Taquari – Plantação de soja

▼ Lagoa Vermelha – Anoitecer





▲ Município de Figueirão – Voçoroca



Paiaguás –
Área de
assoreamento
acelerado



▲ Pantanal do Rio Negro – Linha de fogo

▼ Pantanal do Rio Negro –
Região assolada pelo fogo







Corumbá – Mata florida
pelos ipês, Fazenda Santa Tereza

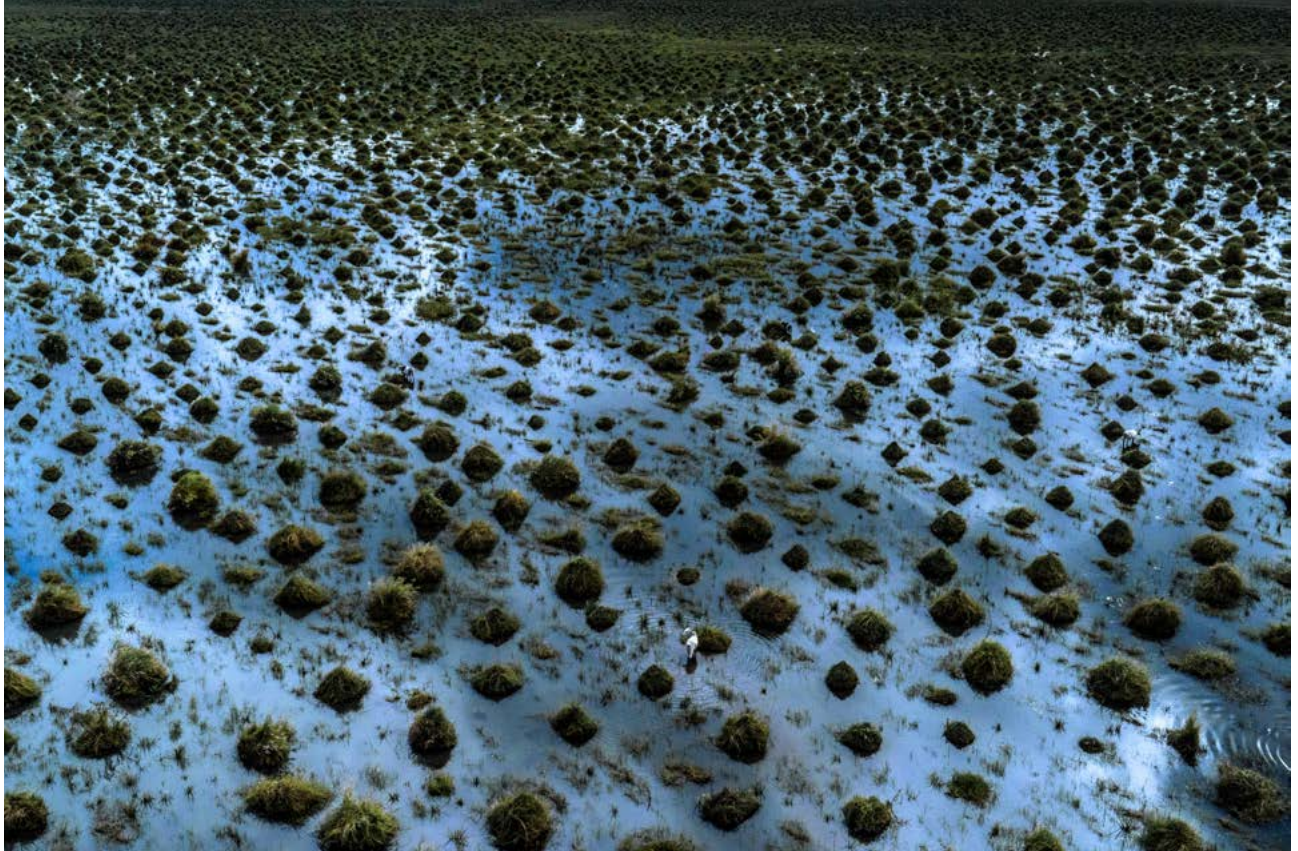


Peão pantaneiro
montado
em mula

Fazenda Mutum –
"Paliteiro":
árvores mortas
pela inundação
do Paiaguás



▼ Paiaguás – Gado perdido, inundação permanente





Ruivaldo Nery de Andrade, que inspirou o documentário *Ruivaldo, o Homem Que Salvou a Terra*, (2019), com direção de Jorge Bodanzky e o próprio João Farkas



▲ Peão Pantaneiro

▼ Pantaneiro em barco no Paiaguás inundado





Lagoas, Serra do
Amolar ao fundo



Acessibilidade PRESENTE

A ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS
ATITUDINAIS E A VALORIZAÇÃO DE
UMA ARQUITETURA INCLUSIVA NAS
CIDADES AJUDAM A CONSTRUIR UMA
SOCIEDADE PARA TODOS

Neste momento, a necessidade de distanciamento físico e de permanecer no ambiente doméstico ressignifica o valor de se locomover pela cidade e usufruir de seus equipamentos e relações. No entanto, uma boa parte da população, composta por pessoas com deficiência, já se encontrava em situações de isolamento antes mesmo do atual cenário. As restrições impostas para contenção da Covid-19 evidenciaram o direito à cidade e a necessidade urgente de que todos os cidadãos e cidadãs, sem exceção, possam ir e vir, estudar, trabalhar, conviver, se expressar e ter acesso à vida cultural. Afinal, como ter, de fato, uma cidade inclusiva e acessível?

Idealizadora do Milalá, ponto de encontro digital que elabora pareceres e análises de lugares acessíveis para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, a publicitária Mila Guedes destaca que o ambiente restrito é comum para parte dos cidadãos. “Esse isolamento não é, para as pessoas com deficiência, necessariamente uma novidade”, disse na *live* do Sesc Ideias *Cidade Acessível: Que Cidade Queremos Pós-Pandemia?* (leia boxe Cidadania em foco). Para uma parcela que representa, pelo menos, 6,7% da população brasileira, segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a pandemia reflete outro aspecto.



“Significa não ter que pensar: Será que vai ter calçada? Será que vai ter rampa? Será que o motorista de ônibus vai parar para me levar aonde eu quero ir? Será que quando eu chegar no metrô o elevador vai estar funcionando? Enfim, inúmeras questões que antes de sair de casa tenho que avaliar”, aponta. “E isso não é uma realidade minha. São preocupações de milhares de pessoas com deficiência”, acrescentou Mila Guedes.

CAPACITISMO COTIDIANO

Ou seja, a restrição ao lar apenas escancarou os desafios por que passam aqueles e aquelas que não conseguem usufruir da cidade e do convívio social. São diversos obstáculos. Além de barreiras físicas do espaço urbano, como a falta de calçadas e rampas, a desinformação e/ou a falta de consciência sobre essas questões resultam em preconceitos.

“Há uma crença matriz generalizada que reserva às pessoas com deficiências uma narrativa de dor, de



Haroldo Oliveira

Mila Guedes em visita à Casa das Rosas, para o site *Milalá – A Liberdade de Ir e Vir: acessibilidade física e atitudinal pelo direito à cidade*

abandono, de incapacidade, de falta, de dificuldade, de inadequação social. Mas isso não é real”, enfatiza Carlos Alberto de Oliveira, agente de atendimento do Sesc Vila Mariana, que teve paralisia infantil aos três anos de idade e, como seqüela, ficou sem o movimento dos membros inferiores.

Tal crença na inadequação e incapacidade resulta no chamado capacitismo. Termo que define a discriminação e o preconceito social contra pessoas com alguma deficiência. “Como se deficiência fosse sinônimo de limite ou de incapacidade, uma vez que o modelo biomédico aponta para uma visão capacitista”, disse a médica Izabel Loureiro Maior na *live* do Sesc Ideias *Direitos das Pessoas com Deficiência: Reflexões para o Pós-Pandemia à Luz do Conceito de Capacitismo* (leia boxe Cidadania em foco). Ou seja, um corpo diferente do corpo padrão para aquela sociedade e para aquele momento, seja pela questão do movimento, da fala, da audição, é um corpo à parte.

ACESSIBILIDADE ATITUDINAL

Membro da Comissão de Acessibilidade do Sesc São Paulo, Carlão, como é conhecido Carlos Alberto de Oliveira, reforça que pensamentos e atitudes limitantes precisam ser alterados para que as pessoas com deficiência – seja ela física, motora, intelectual ou sensorial – “passem a ser vistas como parte da solução de problemas que são de todos, que são comuns e da coletividade”. Dessa forma, a acessibilidade atitudinal – definida como o conjunto de práticas interpessoais no sentido de diminuir diferenças e eliminar barreiras sociais – soma-se à acessibilidade arquitetônica das cidades para uma sociedade equitativa.

Para a médica Izabel Loureiro Maior, membro do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Rio de Janeiro, a barreira atitudinal não deve ser apenas desconstruída, mas nem sequer construída. “E você não constrói uma atitude preconceituosa, discriminatória se fizer com que crianças convivam entre diferentes, quaisquer que sejam as diferenças”, destaca. “Se eu já nasci numa situação de barreira atitudinal, quando eu me tornar arquiteto não vou me lembrar da acessibilidade, nem do desenho universal. Vou pensar naqueles que podem tudo, que tem dinheiro para tudo. E não é isso”, explica.

Ou seja, falar de acessibilidade é falar de uma necessidade urgente de mudança. “Mudança de atitude real, de melhora, de aprimoramento. Mudança que significa aprender diferente com o diferente num processo educativo que é contínuo e permanente. Mudança da maneira como nós nos relacionamos com o mundo e com as pessoas. Mudança de ideias e crenças que limitam o potencial tanto das pessoas com deficiência, quanto de pessoas sem deficiência”, constata Carlos Alberto de Oliveira. Afinal, resume a médica Izabel Loureiro, “a discrepância na oportunidade [*de emprego, de educação etc.*] é a verdadeira deficiência da sociedade”. ■



Cidadania em foco

PROGRAMAÇÃO
FOMENTA REFLEXÕES
SOBRE A REALIDADE DE
HOMENS E MULHERES
COM DEFICIÊNCIA NO
PAÍS E COMPARTILHA
SABERES

Quais os desafios e avanços vivenciados por pessoas com deficiência no Brasil? Como as cidades acolhem e excluem esse segmento da população? E por que esses assuntos dizem respeito à sociedade em geral? A partir dessas reflexões, o Sesc São Paulo realiza debates, cursos e outras ações no ambiente digital, voltadas ao público com e sem deficiência. “Quando nós, pessoas sem deficiência, não consideramos as pessoas com deficiência nas decisões e na participação social, prejudicamos sua presença cidadã. Objetivamente, nosso capacitismo pode criar barreiras à vida dessa população. Contudo, estamos implicados também na melhoria dessa realidade, por meio da mudança atitudinal e do fortalecimento da educação para a diferença”, explica Lígia Helena Ferreira Zamaro, assistente em Educação para Acessibilidade na Gerência de Educação para Sustentabilidade e Cidadania do Sesc São Paulo. Por isso, complementa, “o Sesc fomenta ações educativas e relacionais que possam colaborar nesse sentido, de forma contínua”.

Confira os destaques da programação de agosto:



CURSO - AUDIODESCRIÇÃO EM ATIVIDADES CULTURAIS

No curso online *Audiodescrição em Atividades Culturais*, realizado pelo Sesc Santo Amaro, o objetivo é promover reflexões sobre esse recurso de acessibilidade comunicacional que transforma imagens em palavras. Dessa forma, a audiodescrição amplia o entendimento e a experiência estética de pessoas com deficiência visual e de outros públicos em espetáculos, eventos e produtos audiovisuais, permitindo a participação em igualdade de condições. Ao todo serão quatro videoaulas com duração de 30 minutos cada uma e participação de convidados. Além disso, duas aulas acontecerão em um programa de videoconferências com duração de uma hora e meia cada uma, com a participação de todos os alunos, professora e convidados. Ministrado pela linguista Lívia Maria Villela de Mello Motta, doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e que foi coordenadora pedagógica do primeiro Curso Brasileiro de Especialização em Audiodescrição. (Dia 18/8, das 11h às 12h30 – aula ao vivo; 25/8, 1, 8 e 15/9, das 11h às 11h30 – aulas gravadas; e 22/9, das 11h às 12h30 – aula ao vivo).

CURSO - DIÁLOGOS ACESSÍVEIS

Realizado pelo Sesc Guarulhos, o projeto *Diálogos Acessíveis* tem como proposta abordar as relações entre acessibilidade a pessoas com deficiência, cidadania e direitos culturais desta população. O projeto abrange ações no campo da educação não formal, com foco em temas relacionados às ciências, humanidades e produção e difusão multimídia de saberes. Na programação, o curso *Introdução a Libras*, voltado principalmente a profissionais da área de saúde, busca apresentar a cultura surda e introduzir o conhecimento acerca do que é e como funciona a comunicação em Libras na Comunidade Surda do Brasil. Serão oito encontros virtuais de duas horas cada um, uma vez por semana, além de videoaulas e atividades extras. O curso será ministrado pelo especialista em Tradução e Interpretação de Libras/ Português e em Libras e Educação de Surdos Marcelo Gutí. (De 12/8 a 30/9, quartas-feiras. 25 vagas por turma. Turma I - das 10h às 12h30. Turma II - das 18h30 às 21h)



SÉRIE PÍLULAS DE ACESSIBILIDADE

Realizada pelo Sesc Sorocaba, a série de vídeos *Pílulas de Acessibilidade* compõe um glossário sobre acessibilidade estrutural e atitudinal. Os primeiros, lançados em julho, tratam da audiodescrição e da legendagem. Outros vídeos devem ser disponibilizados neste e nos próximos meses. Assista em: <https://www.youtube.com/watch?v=tJFRA8QLQxl&t=92s>

CONEXÕES ESPORTIVAS

As práticas esportivas, como manifestação da cultura corporal do movimento, assim como outras práticas culturais sofrem necessidade emergente de reconfiguração política, econômica e social. A partir de uma reflexão crítica acerca desse cenário, observa-se que a participação efetiva da pessoa com deficiência também requer atenção e visibilidade. Para isso, as unidades Ipiranga e Interlagos criaram o projeto *Conexões Esportivas*, uma programação conjunta para criar um espaço de discussão e reflexão com o intuito de perceber como esses atores sociais encontram oportunidades de acesso e participação e de que maneira a educação, o esporte, o lazer e o trabalho se encontram nessa teia complexa. Entre agosto e dezembro as duas unidades promovem, em sua programação online, bate-papos, *live talks* e *webinars*, com a participação de pessoas com deficiência, familiares, atletas, educadores e gestores de projetos e programas esportivos. Em agosto, o *Conexões Esportivas* terá como eixo de reflexão: Esporte, Acessibilidade e Participação. Serão disponibilizados vídeos gravados por atletas mulheres que compartilharam suas histórias. No dia 14/8, é a vez da medalhista paralímpica Verônica Hipólito. Assista a programação nos canais do Sesc Ipiranga e do Sesc Interlagos no YouTube.



Marcelo Regua/MPIX/CPB

OUTRAS AÇÕES DISPONÍVEIS NO YOUTUBE DO SESC SÃO PAULO:

CIDADE ACESSÍVEL: QUE CIDADE QUEREMOS PÓS-PANDEMIA?

Após o período da pandemia, precisaremos de cidades que sejam para todos: pessoas com e sem deficiências. A fim de refletir sobre esse cenário, o *Sesc Ideias* realizou o debate *Cidade Acessível: Que Cidade Queremos Pós-Pandemia?*. Participação da publicitária Mila Guedes, idealizadora do Milalá, ponto de encontro digital que elabora pareceres e análises de lugares acessíveis para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, e do Secretário Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo Cid Torquato. Assista em: <https://www.youtube.com/watch?v=sLtrbrJK0x8&t=110s>



DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: REFLEXÕES PARA O PÓS-PANDEMIA À LUZ DO CONCEITO DE CAPACITISMO

Neste debate, especialistas analisam os direitos das pessoas com deficiência e fazem uma reflexão sobre o capacitismo – fenômeno social ainda presente de forma velada ou explícita no cotidiano e que afeta a participação social desse segmento. Participação da coordenadora executiva do



Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas, Marta Gil, da professora aposentada da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Izabel Madeira Maior, que também é conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Rio de Janeiro. Mediação do jornalista e colunista da *Folha de S.Paulo* Jairo Marques.

Assista em: <https://www.youtube.com/watch?v=gHOACEGOsNw>

A decorative paper chain graphic at the top of the page, featuring a series of stylized human figures in black, white, and pink, holding hands in a line.

30 ANOS do ESTATUTO da CRIANÇA e do ADOLESCENTE

Sancionado em 13 de julho de 1990, e em vigor desde outubro do mesmo ano, o Estatuto da Criança e do Adolescente é considerado um marco legal no país. Uma importante referência mundial no que diz respeito a direitos de cidadãos e cidadãs com idade inferior aos 18 anos. Popularmente conhecido pela sigla ECA, esse estatuto é composto de 267 artigos. Conjunto de normas voltado para a regulamentação do princípio estabelecido pelo artigo 227 da Constituição Federal de 1988, que estabeleceu que crianças e adolescentes formam um grupo com direitos específicos e que demandam proteção especial tanto do Estado quanto da sociedade e da família. “O ECA foi uma verdadeira revolução para a forma de olharmos e protegermos todas as crianças e adolescentes brasileiros, seus direitos e seu melhor interesse, pois rompeu com uma histórica tradição jurídica que os compreendia como propriedades de suas famílias, como objetos de posse sem nenhum direito, reconhecimento ou desejos próprios”, explica o advogado Pedro Affonso Hartung, coordenador do programa Prioridade Absoluta no Instituto Alana – organização de impacto socioambiental que promove o direito e o desenvolvimento integral da criança. De lá para cá, apesar de avanços, o ECA ainda enfrenta inúmeros desafios. “Passamos os últimos 30 anos sem que, de fato, essa implementação se desse completamente, porque, apesar de a lei ser a expressão de um dos mais modernos e arrojados pensamentos sobre a infância do mundo, ela não reflete necessariamente a posição do conjunto da sociedade brasileira, adultocêntrica, que ainda revela muita dificuldade em aceitar que crianças não são adultos”, pondera Viviana Santiago, gerente de Gênero e Incidência Política da Plan International Brasil – organização não governamental presente em 70 países, que defende os direitos das crianças, adolescentes e jovens. Para compreendermos esse cenário, Hartung e Santiago tecem suas perspectivas.



Clique aqui
para ler o ECA

Quem pariu Mateus que o embale?

PEDRO AFFONSO HARTUNG

Certamente, você já deve ter ouvido ou até mesmo falado esse ditado popular em algum momento da sua vida. Recorrentemente, ele é utilizado para ressaltar o dever das famílias de educar, cuidar e zelar autonomamente por seus filhos. Há um senso comum de que as crianças são exclusivamente responsabilidade de suas famílias e de que o restante da sociedade ou demais cidadãos não devem, nem podem, contribuir com esse cuidado. Em uma sociedade sexista como a nossa, essa responsabilidade recai, em especial, nas mães. Como parte de um pensamento e um agir individualista, aceita-se a ideia de que uma criança é problema de quem foi responsável por sua gestação – e não meu ou nosso.

Uma criança chorando por horas em um restaurante ou viagem de avião? Que mãe é essa que teve a ideia de trazer seu filho aqui? A menina com dificuldades de comportamento na escola? O que tem feito essa mãe ausente ou irresponsável? Crianças desejando brinquedos propagandeados pela publicidade infantil? Por que essa mãe não coloca limites e educa melhor seu filho? Um desafio perigoso de internet veiculado por um influenciador no YouTube, Instagram ou Tiktok? Como pôde a mãe não monitorar direito o que seus filhos consumiam na internet? Crianças vendendo balas de noite no farol ou na mesa do restaurante? Onde está essa mãe criminosa e exploradora? Crianças em situação de rua ou com fome em casa? Por que essa mãe não trabalha mais para garantir o sustento de seus filhos?

A culpa, para a maioria de nós, é daquela “quem pariu”! Em uma sociedade em que o cuidado com crianças é associado exclusivamente a um papel feminino, homens se sentem confortáveis e legitimados para diversas práticas de abandono – material, intelectual ou afetivo –, deixando mais de 5,5 milhões de crianças sem sequer seu nome paterno na certidão de nascimento.

No mesmo sentido, em um Estado e sociedade com instituições patriarcais, as crianças e seu cuidado não são responsabilidade de gestores públicos, parlamentares, empresários, profissionais diversos ou qualquer outro cidadão. Contudo, tal responsabilização exclusiva da família (como vimos, na prática, da mãe) é contrária também a uma importante e celebrada lei brasileira: o Estatuto da Criança e

do Adolescente (ECA), que completa trinta anos neste ano de 2020.

Detalhando o artigo 227 da Constituição Federal, o ECA foi uma verdadeira revolução para a forma de olharmos e protegermos todas as crianças e adolescentes brasileiros, seus direitos e seu melhor interesse, pois rompeu com uma histórica tradição jurídica que os compreendia como propriedades de suas famílias, como objetos de posse sem nenhum direito, reconhecimento ou desejos próprios. Um verdadeiro infante (lat *infans*, -ntis): aquele que não fala, sem voz própria, silenciados. Com o ECA, crianças e adolescentes passam a ser sujeitos de direitos reconhecidos na sua singularidade e no seu estágio peculiar de desenvolvimento progressivo de suas capacidades. Apesar de mais vulneráveis, são cidadãos; sujeitos às leis e protegidos de forma especial e integral por elas, com absoluta prioridade para seus direitos e melhor interesse.

E tal proteção absolutamente prioritária de todas as crianças e adolescentes brasileiros foi legalmente estabelecida (artigo 4º do ECA) como um dever compartilhado e solidário entre famílias, comunidades, sociedade e Estado. Ou seja, todos nós, em qualquer posição social ou papel estatal, com filhos ou sem conviver com crianças, temos a obrigação jurídica de zelar por todas as crianças – não só os nossos filhos, mas os filhos dos outros e os filhos que parecem ser de ninguém – em especial aquelas em situação de risco ou vulnerabilidade e mais



afetadas pela desigualdade, como as crianças negras e periféricas.

Isso significa que em todas as decisões realizadas, não só as de cunho privado das famílias, como também aquelas tomadas por instituições e agentes da sociedade e do Estado, deve-se colocar crianças e adolescentes, seus direitos e seu melhor interesse sempre em primeiro lugar. Essa diretriz vale para políticas públicas, regulatórias ou orçamentárias, vale também para ações empresariais e estratégias comerciais, decisões em escolas, hospitais e atividades culturais. A partir da criação do ECA, todos nós – individual e coletivamente – devemos colocar todas as crianças e adolescentes em primeiro lugar nas nossas preocupações e decisões diárias.

INVESTIR NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Esse não é somente um mandamento legal, mas também uma ação estratégica para o desenvolvimento social e econômico de todo o país, pois cuidar de uma só e todas as crianças é cuidar de todos nós como sociedade. Conforme afirmam sérias pesquisas econométricas, como a do Prêmio Nobel de Economia James Heckman, o investimento na criança, especialmente na primeira infância, traz retornos mais vantajosos que qualquer outra aplicação existente, pois possibilita o cuidado adequado em um dos momentos mais importantes do desenvolvimento humano.

Entretanto, isso não significa que qualquer visão pessoal de mundo possa ser imposta às crianças e suas famílias, em nome de uma pretensa proteção com vieses subjetivos e muitas vezes discriminatórios. Em tempos de infeliz exacerbação de dogmas ou preceitos individuais, religiosos, ideológicos ou moralistas no ambiente público e estatal, é importante sempre lembrar que a proteção das crianças e adolescentes deve ser pautada pelos valores democráticos

estabelecidos pela própria Constituição, que determina a garantia das liberdades e da diversidade de ser e estar no mundo para todos, inclusive para crianças e adolescentes e suas famílias.

A PARTIR DA
CRIAÇÃO DO
ECA, TODOS NÓS
– INDIVIDUAL E
COLETIVAMENTE –
DEVEMOS COLOCAR
TODAS AS CRIANÇAS
E ADOLESCENTES
EM PRIMEIRO LUGAR
NAS NOSSAS
PREOCUPAÇÕES E
DECISÕES DIÁRIAS

PAPEL DE TODOS

Assim, cuidar das crianças e adolescentes com absoluta prioridade não é substituir o papel exercido por mães, pais e seus familiares. Na maioria das vezes, o exercício social do dever de cuidado da criança é por meio do apoio e do fortalecimento das próprias famílias no exercício da sua capacidade de cuidado e de parentalidade positiva.

Cuidar das crianças é também cuidar de quem cuida delas. É garantir que as famílias tenham o apoio social e estatal para a fruição de todos os direitos econômicos, culturais e sociais – como acesso ao trabalho digno, renda estável, moradia adequada, saneamento básico, segurança alimentar, saúde, educação, cultura e assistência social, especialmente em tempos de pandemia.

Celebrar os 30 anos do ECA é relembrar este compromisso e este dever para que, então, possamos, de uma vez por todas, efetivar esse verdadeiro projeto de sociedade e de país, pelo qual Mateus e quem pariu Mateus serão embalados também por mim e por todos nós. ■

PEDRO AFFONSO HARTUNG é advogado, coordenador do programa Prioridade Absoluta no Instituto Alana – organização de impacto socioambiental que promove o direito e o desenvolvimento integral da criança.



Precisamos falar sobre o ECA

VIVIANA SANTIAGO

Eu sou Viviana Santiago e gosto de me apresentar como negra, mulher, nordestina, professora e mãe. Mãe solo de um menino. Mãe solo de um menino negro. Eu me apresento dessa maneira porque gosto de lembrar a mim mesma e às pessoas que entram em contato comigo que, embora muitas vezes estejamos sob o mesmo teto – e aqui estamos sob esse imenso teto da escrita que nos une –, nós não temos as mesmas histórias nem vivemos as mesmas realidades. A maneira como somos lidas e lidados nessa sociedade impacta diretamente o nosso acesso a direitos, o modo como desenvolveremos nossos potenciais e os lugares que seremos estimulados a ocupar e interditados de conhecer.

Nasci em 1980 e talvez dentre todas as coisas que eu possa dizer sobre mim a mais impactante seja esta: Durante 10 anos da minha vida, eu não fui reconhecida juridicamente como uma pessoa de direitos. Eu era uma “menor”. Durante 10 anos, eu não pude ser criança, e seguramente não convivi com adolescentes. Todas as pessoas abaixo de 18 anos com quem eu convivi eram “menores” e estavam em situação irregular.

Como eu disse, sou mãe de um menino que hoje tem 14 anos e quem me conhece pode chamá-lo de João Marcos ou Marquinhos. Quem não me conhece, sempre que eu menciono sua idade, me diz: “Ah, mas ele é grande, né?”. Ao que eu respondo: “Sim, já é um adolescente”.

Para muitas pessoas, essas são apenas palavras vazias: menor, criança, adolescente. Eu sou daquelas pessoas que acreditam que as palavras têm poder, que a maneira como nomeamos a realidade faz com que ela se constitua. Sendo assim, pensar a diferença entre “menor” e adolescente é o coração da discussão sobre o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

SUJEITOS DE DIREITOS

Instituído em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente é a expressão brasileira da Convenção sobre os Direitos da Criança. Traz uma mudança substancial na maneira de perceber, lidar e, principalmente, construir a política pública e o acesso a direitos para um importante segmento da população brasileira: as crianças e os adolescentes. Segmento que corresponde, atualmente, a 60 milhões de brasileiras e brasileiros. O Estatuto traz

consigo a necessária visão de que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos. Com isso, informa à sociedade que não são menores e traz a ideia de reconhecimento de seu período de desenvolvimento como fundamental para a compreensão desse grupo.

Antes do Estatuto, quem tinha menos de 18 anos era compreendido como “menor”, e, em vez da proteção, vigorava uma leitura da situação irregular que, prezando muito mais por manter a ordem social, confinava meninas e meninos que não estivessem ajustados. Nesse momento proteção e punição se confundiam: se uma criança tivesse problemas “de adaptação à família”, “não quisesse frequentar a escola”, “fosse muito pobre”, “fosse órfã”, “tivesse cometido uma infração”, todos esses casos eram encaminhados da mesma maneira: a internação, que cumpria com o ideal de segregação da sociedade em nome da manutenção da ordem.

Depois de muita atuação de diversos movimentos, organizações sociais, ativistas e juristas que militam pelo reconhecimento e pela valorização da infância, deu-se a aprovação da lei que muda o enfoque da repressão para a proteção. Meninas e meninos passaram a ser reconhecidos como sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento. E essa é uma das mais poderosas ideias.

GARANTIA AO ACESSO

Amparado na ciência, o ECA reposiciona a infância no Brasil: não cabe mais a percepção de que crianças e, especialmente, adolescentes sejam adultos em miniatura. Ao reconhecer seu momento de desenvolvimento, reafirma o papel das pessoas adultas – família,

Estado e conjunto da sociedade – na promoção das condições para que esse desenvolvimento se dê de maneira plena.

Aí outra ideia poderosa entra em cena: a ideia de que meninas e meninos possuem direitos e devem acessá-los. Devemos, como conjunto da sociedade, criar condições para que sejam respeitadas as etapas de vida em que estão e para que possam acessar as informações e participar das decisões que afetarão a sua vida. O ECA ajudou o país a implementar uma cultura que reconhece o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à formação profissional e à cultura. Além de respeito à dignidade, à liberdade e à convivência familiar e comunitária como inerente a todas as meninas e meninos do Brasil. E mais, estabelece como deve se dar o processo de responsabilização e ressocialização de meninas e meninos que cometem atos infracionais.

A implementação do ECA tem sido um desafio. Passamos os últimos 30 anos sem que de fato essa implementação se desse completamente, porque, apesar de a lei ser a expressão de um dos mais modernos e arrojados pensamentos sobre a infância do mundo, ela não reflete necessariamente a posição do conjunto da sociedade brasileira, adultocêntrica, que ainda revela muita dificuldade em aceitar que crianças não são adultos. É necessário que se compreenda isso, especialmente na hora de garantir a prioridade delas no acesso a direito e à especificidade das punições a elas aplicadas, no caso de alguma infração.

CONSCIÊNCIA E AÇÃO

Gostaria de pedir que, por fim, vocês me permitissem centrar minha reflexão em nós mesmas e em nós mesmos, RGs, pessoas nesse país tão grande, para nos posicionarmos quanto ao que, para mim, é um dos principais desafios para a implementação real do ECA no Brasil. Isto é: a ideia de que todas as crianças e

adolescentes importam e devem ser protegidos e protegidas ainda não é um fato concreto para a maioria de nós.

Ainda somos aquelas pessoas que escutamos a fala brava da chefia, mas gritamos e batemos na nossa criança em casa porque achamos que bater é essencial para disciplinar. Nós que sabemos que mais de 90% dos crimes graves no Brasil são cometidos por adultos, acreditamos na redução da maioridade penal como solução. Nós que amamos nossas filhas, filhos, sobrinhas e sobrinhos, não acreditamos que aquela criança ou aquele adolescente negro devam ter os mesmos direitos que elas e eles. Precisamos mudar.

IMPLEMENTAR
OS DIREITOS DAS
CRIANÇAS E DOS
ADOLESCENTES
SE FAZ IMPOSSÍVEL
SEM QUE HAJA UMA
REAL VALORIZAÇÃO
DA CRIANÇA E DO
ADOLESCENTE,
DE TODOS E DE
CADA UM DELES

Implementar os direitos das crianças e dos adolescentes se faz impossível sem que haja uma real valorização da criança e do adolescente, de todos e de cada um deles. Veremos o ECA integralmente implementado quando todas as pessoas adultas puderem dizer, da mesma forma como dizem as trabalhadoras em seus protestos: “Mexeu com criança, mexeu comigo, e eu me importo com todas as crianças”.

Meninas e meninos não são menores, não estão em situação irregular, são gente. Gente como a gente e que, quando bem cuidadas e protegidas, contribuem para a reconstrução dessa sociedade agora. Mudemos nossa percepção. Não são apenas palavras. Respeitando e assumindo a importância de crianças e adolescentes, como diria Gonzaguinha: “Nós podemos tudo, nós podemos mais, vamos lá fazer o que será...” ■

VIVIANA SANTIAGO é gerente de Gênero e Incidência Política da Plan International Brasil – organização não governamental de origem inglesa, presente em 70 países, que defende os direitos das crianças, adolescentes e jovens, com foco na promoção de igualdade de gênero; membro do Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030 (GT Agenda 2030).



**CHRISTIAN DUNKER**

esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 18 de junho de 2020.

Compartilhar para TRANSFORMAR

EMPATIA E CULTURA SÃO FERRAMENTAS

PARA LIDAR COM EMOÇÕES

POTENCIALIZADAS PELA PANDEMIA

Tristeza, ansiedade, irritabilidade são alguns dos sentimentos compartilhados pela população durante esse período de isolamento social. Segundo o psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) Christian Dunker, para a reconstrução de um novo cotidiano precisamos observar a maneira como lidamos com o sofrimento. “A gente passou muito tempo individualizando os sofrimentos. Então, hoje, você tem uma população que não sabe partilhar, não sabe entender, digamos assim, que o seu sofrimento pode ser escutado pelo outro e, assim, produzir experiências verdadeiras de compartilhamento, de intimidade”, aponta. Mas de que maneira? Além de abrir-se para momentos de troca, permitir-se momentos com livros, filmes, peças ou músicas podem servir como um “remédio”. “A cultura não é um acréscimo que torna a pessoa mais sabida. Ela é uma fonte de saúde mental”, defende.

QUESTÃO DE SAÚDE

Saúde mental presume saúde. Eu lembraria aqui um dito de Hipócrates, o pai da Medicina, sobre o que fazem os médicos. Ele diz o seguinte: A gente cura o que pode ser curado, mitiga o sofrimento que pode ser mitigado, e o terceiro, esquecido, a gente não pode curar o que não pode ser curado. Do que estamos falando aqui? Dos nossos corpos, que se degradam, da nossa morte, da nossa finitude, daquilo que nos faz humanos. Então, se não é a medicina que cuida disso, quem cuida? De quem é a responsabilidade pelo incurável humano? É aí que vou lançar a ideia de que isso cabe àqueles que cuidam da cultura. A cultura tem por matéria-prima isso que não pode ser eliminado da nossa experiência.

VIAGEM PORTÁTIL

Principalmente nos primeiros momentos da pandemia, a gente teve um problema grave. Quando você deixa de ter um cotidiano organizado, cada passo tem que ser decidido com a sua presença. Isso exaure as pessoas. Então, o que fazer? A resposta era: ler um livro. O livro cria a experiência de tirar você para fora de si e voltar com outro olhar. A rede social não faz isso. Ela te ocupa, mas não tira você de si como um livro ou um filme e uma peça. A condição é sair de si como numa viagem. Olhar para si de outro ponto de vista e voltar a si. Então, a cultura é a nossa viagem portátil. É a cura para nosso egocentrismo, para a reprodução disso que é fonte do nosso cansaço e infortúnio, que somos nós mesmos. A coisa mais difícil é

aguentar essa mesma cara, essa mesma vida todo dia. A cultura diz pra gente: existem várias vidas dentro da mesma vida; existem vários modos de expressão e vários modos de representação. A cultura não é um acréscimo que torna a pessoa mais sabida. Ela é uma fonte de saúde mental.

DIFERENTES REAÇÕES

A reconstrução de um cotidiano tem a ver com a forma como você lida com o sofrimento. Que destino você vai dar a esse sofrimento que está experimentando? Tem aquele que vai para debaixo do cobertor da culpa e fica lá até passar. Tudo bem. Esse é um entendimento do que está acontecendo. Outro vai abrir a janela e dizer: “Essa pessoa na rua, sem comida, está sofrendo mais do que eu. Será que eu não posso fazer uma quentinha, ou permitir que ela encontre algum equipamento de suporte? Como psicanalista vou dizer que esta atitude faz bem para sua saúde mental. Por quê? Porque ao se ocupar do sofrimento do outro, ao tornar o seu sofrimento coletivo, ao compartilhar os afetos que vêm junto com ele, você se obriga a produzir uma narrativa, a reconhecer o sofrimento do outro e a dividir os afetos aí envolvidos.

EMPATIA E ACOLHIMENTO

A gente passou muito tempo individualizando os sofrimentos. Então, hoje, você tem uma população que não sabe partilhar, não sabe entender, digamos assim, que o seu sofrimento pode ser escutado pelo outro e, assim, produzir experiências verdadeiras de compartilhamento, de intimidade. Então, essa pessoa que sofre isolada, ela está se defendendo, em regra, de uma coisa que o ambiente digital faz. Nele, o universo privado invade o público (falo minhas coisas, abro meu coração) e o público invade o privado – política, celebridades etc. Isso gera uma tempestade que, para

muitas pessoas, resulta no pensamento: “Eu prefiro ficar de fora”. Essa pessoa tende a ter um sintoma que é a alexitimia: não conseguir nomear o que está sentindo realmente. Ela só sensorializa os afetos: “Estou mais confortável com isso ou menos confortável com aquilo; me sinto melhor assim ou pior desse jeito”. Uma espécie de monocromatismo dos afetos. Típico dessa subjetividade na qual o sofrimento está em compressão, em isolamento. Como fazer para abrir as portas de alguém assim? Oferecer aquilo que você está pedindo. Se você quer honestidade, ofereça honestidade. Você quer criar mais intimidade? Ofereça mais intimidade. Assim a gente abre as portas para uma escuta mais empática com aqueles que estão isolados.

NOVA NORMALIDADE

Que história você tem para contar da pandemia? Se você tem uma história que te transformou, terá um novo normal. Se você entrou num freezer e saiu meses depois, seria um velho normal? Tanto faz. Acho que em regra, vai acontecer uma coisa muito importante, subjetivamente, que é o seguinte: a gente aprendeu na marra que é possível mudar. A nossa vida mudou. Para o bem, para o mal, mas mudou. Você está em casa e, se for para a rua, é outra rua. A experiência de mudança é, assim, uma pólvora mental. Por exemplo: num grupo de amigos, um deles se separa. Introduziu-se aí a ideia da mudança. Será que meu casamento vale a pena? Acho que muitas decisões serão tomadas. Inclusive porque a gente tem mais tempo para pensar. A gente vê a mudança em curso, tomando por base a China: o número de gravidezes e de separações disparou. Então, essa experiência fez a gente ficar mais próximo; produziu conversas com nossos avós, primos... Também mostrou a proteção e a desproteção. Vamos ter outro mundo? Acho que não. Acho que vamos ver pequenas diferenças que serão muito importantes. Como o valor de um abraço, de estar junto com o outro. O valor da intimidade, da pressa e da aceleração. Isso tudo vai ser posto em xeque. ■

O VALOR DA
INTIMIDADE,
DA PRESSA E
DA ACELERAÇÃO.
ISSO TUDO
VAI SER POSTO
EM XEQUE



Clique e assista ao depoimento de **Christian Dunker** sobre ansiedade, realizado para o projeto *Inspira - Ações para uma Vida Saudável*, disponível no portal do Sesc São Paulo

DISCURSO DAS formas



BRASIL ARQUITETURA FRANCISCO FANUCCI E MARCELO FERRAZ projetos 2005-2019

Abilio Guerra, Marcos Grinspum Ferraz
e Silvana Romano Santos (org.)

Edições Sesc São Paulo |
Romano Guerra Editora

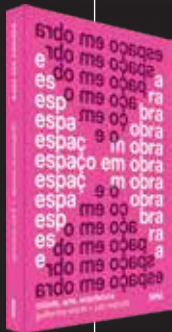
Ensaio crítico, imagens e informações técnicas resgatam e atualizam a produção do escritório Brasil Arquitetura.



RODRIGO BROTERO LEFÈVRE E A VANGUARDA DA ARQUITETURA NO BRASIL

Miguel Antonio Buzzar

Livro apresenta a integralidade da arquitetura desenvolvida por Lefèvre, que ao longo da sua trajetória procurou traduzir em edificações – e no processo de erguê-las – uma visão de sociedade, cultura e economia à frente de seu tempo.



ESPAÇO EM OBRA

Guilherme Wisnik e Julio Mariutti

Obra discute o impasse do urbanismo ante os desafios impostos pelo desenvolvimento, estuda esses dilemas globais com foco no Brasil e analisa intervenções artísticas que dialogam com a cidade e seus habitantes.



PATRIMÔNIO COLONIAL LATINO-AMERICANO urbanismo, arquitetura, arte sacra

Percival Tirapeli

Os traçados das cidades coloniais e as estruturas eclesiais com suas obras e ornamentos foram reunidas num livro que documenta três séculos de urbanismo, arquitetura e arte sacra.

Disponíveis no aplicativo ou
loja virtual de sua preferência.

Visite a loja virtual sescsp.org.br/loja
e conheça o catálogo completo

    /edicoessescsp

edições
Sesc



Nas cordas da criação

AO UNIR TRADIÇÃO
E MODERNIDADE,
BANDOLINISTA INSPIRA
NOVAS GERAÇÕES DE
ARTISTAS E DEFENDE
A COLETIVIDADE EM
AMBIENTE VIRTUAL

Hamilton de Holanda escreveu um novo capítulo na história da música ao acrescentar um par extra de cordas ao bandolim tradicional. O resultado, segundo o jornalista e crítico musical Irlam Rocha Lima, foi a união da tradição à modernidade, instigando novas gerações de músicos a utilizar o instrumento não só em formações de choro, mas também de jazz, rock e até pop. Nascido em 1976, no bairro carioca de São Cristóvão, teve o pai, o violonista José Américo de Oliveira, como incentivador. Desde pequeno, já em Brasília, para onde a família se mudou quando Hamilton tinha apenas um ano de idade, esteve rodeado de instrumentos de brinquedo. Aliás, foi na capital do país que ao lado do irmão, Fernando César, montou o grupo Dois de Ouro e, das apresentações no Clube do Choro, despontou pelo Brasil e para o mundo em carreira solo. Radicado no Rio de Janeiro há mais de 15 anos, o bandolinista aproxima-se do público, neste cenário de isolamento social, graças a apresentações online. Caso da *live* realizada em abril, com o acordeonista Mestrinho pelo #SescAoVivo. Nesta entrevista, Hamilton fala sobre esses encontros virtuais, em especial o *NOSSOBANDO – Festival de Ideias Colaborativas*, evento que criou com o produtor Marcos Portinari para discutir ideias sobre o bandolim de dez cordas e o choro. O músico destaca ainda a importância da coletividade “para enfrentarmos essa pandemia da maneira mais branda e produtiva possível”.

CRIATIVOS EM COLETIVO

A minha agenda de apresentações foi cancelada de ponta a ponta, shows no Brasil, Estados Unidos, Europa. Por isso me articulei para que ficar em casa não fosse uma atividade tediosa. Além da solidariedade que o momento exige, temos que usar a inventividade, a qual funciona se associada à coletividade. A pessoa criativa sozinha em seu próprio mundo não adianta, então criamos [*Hamilton de Holanda e Marcos Portinari*] esse festival para juntar as pessoas. Quando conversamos e trocamos ideias, acabamos por descobrir soluções para problemas comuns. Às vezes, um comentário sincero sobre as nossas experiências pessoais se conecta com o pensamento de quem nos ouve. O objetivo era a integração. Que conseguíssemos nos inspirar em nós mesmos e que esse fluxo inspirasse outras pessoas a terem boas ideias e atitudes para enfrentarmos essa pandemia da maneira mais branda e produtiva possível.

NOSSO BANDO

A série de conferências virtuais *NOSSOBANDO – Festival de Ideias Colaborativas*, realizada no mês de abril, que reuniu músicos interessados em choro e bandolim de dez cordas, foi uma iniciativa que talvez não acontecesse se não estivéssemos neste momento. Apesar de há muito tempo pensar em um festival sobre bandolim, choro e improvisação, a pandemia criou a necessidade de inventarmos novos processos. Para mim, foi um sonho porque venho desenvolvendo esse trabalho com o bandolim de dez cordas desde 2000, e hoje há músicos que vivem só de tocar esse instrumento. Foi emocionante ver cada um deles compartilhando sua história durante o festival online.

JUNTOS NA REDE

Não fui só eu que mudei minha relação com as redes sociais, mas o mundo inteiro. Ainda bem que temos a internet para nos aproximar. Eu já tinha uma atividade grande, mas, agora, creio que se intensificará cada vez mais na tentativa de lidar com a ausência de shows. Sou um cara de palco, de sentir a emoção, de estar me apresentando, então, preciso, no meu dia a dia, criar situações nas quais eu preencha o meu coração também. Ao mesmo tempo que preencho o coração, surgem oportunidades nas redes sociais. Estou bem ativo e vou ficar cada vez mais para saber sobre todas as etapas técnicas que envolvem *lives* e shows reproduzidos online. Com isso, vou melhorar o que faço e, acima de tudo, chegar mais perto das pessoas.

ALÉM DA
SOLIDARIEDADE
QUE O MOMENTO
EXIGE, TEMOS
QUE USAR A
INVENTIVIDADE, A
QUAL FUNCIONA
SE ASSOCIADA À
COLETIVIDADE

FEITO POR ELAS

Sou um eterno incentivador da trajetória de mulheres tocando, fazendo música instrumental. Nos meus shows, a quantidade de mulheres no público é equilibrada com a de homens, mas, se comparado à presença nas redes sociais, vejo que é menor. No último show que fiz, levantei essa bola e gostaria de ver mais meninas tocando. Conheço várias instrumentistas e acompanhamento o trabalho delas. Precisamos dessa força e delicadeza que a mulher traz à música. Tia Amélia [*Leia o Perfil na Revista E de maio sobre essa grande dama do choro*] é um exemplo clássico. Chiquinha Gonzaga, que foi uma pioneira,

é uma referência para todos nós. Acho que mais mulheres podem se inspirar na trajetória de instrumentistas de diferentes períodos históricos. Posso citar a Dani Spielmann, saxofonista e flautista que toca choro, e, pelas redes, também vejo mais mulheres instrumentistas compartilhando vídeos de suas apresentações. Eu continuarei a incentivar para que esse número aumente cada vez mais. ■



Assista à *live* de música com Hamilton de Holanda e Mestrinho realizada pelo **#SescAoVivo** no YouTube do Sesc São Paulo



A TORRE DE TÜBINGEN

CENA DRAMÁTICA

Em Tübingen, numa torre decorada com poucos móveis rústicos do século 18, o poeta alemão Hölderlin nos anos finais de sua vida, dentro de sua loucura e na representação poética-espacial-ação-musical da fragmentação perceptiva dela. Junto do poeta, sua amada Susette Gontard, chamada por ele de Diotima.

PERSONAGENS

Hölderlin. Diotima (cuja voz sairá da boca de vários objetos e projeções).

UM POUCO DA WIKI PARA A HISTÓRIA REAL

“**Johann Christian Friedrich Hölderlin** (Lauffen am Neckar, 20 de março de 1770 – Tübingen, 7 de junho de 1843) foi um poeta lírico e romancista alemão.

(...) Quando em 1802 recebe a notícia da morte de Susette, Hölderlin volta para a casa da mãe em Nürtingen e dedica-se ao trabalho das traduções de Sófocles e Píndaro.

Em 1805 sua insanidade é diagnosticada. Entretanto, essa caracterização de seu estado mental como loucura é até hoje vista de forma incerta.

Então, em 1807 foi deixado aos cuidados de Ernst Zimmers, um carpinteiro que vivia em Tübingen e grande admirador da obra intitulada *Hyperion*. Sob o nome de ‘Scardanelli’, Hölderlin escreveu ainda poemas, que contavam com grande estranhamento formal. Mesmo contando com alguns períodos de lucidez, não retornou mais ao convívio social. Durante os próximos 36 anos, permanecerá em um quarto em uma torre, às margens do rio Neckar, até 1843, ano de sua morte”. (Fonte: Wikipédia)

PERSONAGENS EM AÇÃO

- **Hölderlin** esforça-se em arrancar significado de tudo o que vê através das janelas – que é o mesmo que a plateia vê também, participando-a, assim, da loucura do poeta. Ele tenta o exercício quase impossível de, em estado de possessão poética, transmutar a realidade que vê à sua volta diretamente em poesia através de sua voz, sem o intermeio da palavra escrita ou filtrada pelo pensamento crítico-analítico.
- **Diotima**, pelo contrário, pelo amor por Hölderlin (que se situa, em emissão sonora, flutuando entre o carnal e o espiritual), leva o poeta para a “realidade”, mas para uma realidade também cedida – feita dos inúmeros signos, luz e objetos que ela mesma vivifica.

A TORRE DE TÜBINGEN

CENA

(Hölderlin anda em círculos dentro da torre em que está – ele acredita – encarcerado. A torre conterà inúmeros retângulos (que são projeções/fachos de luz) que se espalharão múltiplos, do chão ao teto.)

Hölderlin – Alguns recortes à minha frente, olhos de imensas distâncias, talvez estelares, entre a curva delicada do nariz e de um único, imenso e múltiplo em cacos de luz, ROSTO DE MULHER – ah, nos retângulos policoloridos, neles, nos retângulos...!

(Hölderlin toca com a mão o chão, delicadamente, como uma poça d'água que repousasse abaixo de si. Trata-se da projeção de um retângulo que vai se ampliando à medida que o poeta a toca, até abarcar o palco todo. De dentro do ponto de onde ele está, outros retângulos vão nascendo, menores, se espalhando e fixando-se em todas as partes da torre.)

Hölderlin – Algumas membranas ao vento como bandeiras mortas, quantas janelas luzidias são elas! Estes batentes feitos de infinitos, entre o bem-aventurado arfar de uma mulher – não a que passa, passou, não! Somente ela, aquela que fica!

(Os retângulos começam a exhibir rostos de mulheres cortados pela metade, com olhos borrados e com traços que os cortam, rudemente. Dentro deles, ainda, veem-se fragmentos de coisas comuns e objetos, como extratos de banco, trechos de propagandas em muros ou invólucros de produtos etc.)

Hölderlin – Não se oculta aos homens o Ser do Espírito, e tal como a vida, a que os homens encontrarão, assim é o dia da vida, a manhã da vida – como “riqueza”, são as altas horas do Espírito!¹

(As projeções lentamente vão se transformando naquilo que de fato são: janelas, com vistas claras e azuis do lado de fora. A cena torna-se alegre com as cores. Hölderlin, porém, tenta fechar cada uma delas – trabalho inútil, já que elas são meras projeções.)

Hölderlin – Antes que a luz decline no crepúsculo, e a tênue claridade docemente serene os sons do dia...²
(Abre os braços para cima e gira-os lentamente, e as janelas também começam a girar, mas em sentido contrário. Grita:)

Hölderlin – Quando se nutre o homem de si mesmo, e mesmo e, mais ainda, mesmo, mesmo, mesmo! É como quando um dia de outros dias se diferencia, e o excelso se inclina até esse porvir...³
(Nesse instante, no centro do palco, o torso nu de uma vênus, totalmente vermelha e fosforescente, desce flutuando até o meio da cena. Da vênus escapa um canto antigo, uma ária do século 18. A canção tem uma emissão baixa, pouco audível, que jamais encobre os dizeres do poeta.)

Vênus (*canto-sussurra docemente*): Plaisir d'amour, ne dure qu'un moment etc.⁴

Hölderlin – Nomeado... Quando em tal luta aprende o homem, quando e que proveitoso e necessário para a vida...
(Pequenos e muitos olhos de vidro, pendurados como móveis ao redor da Vênus, começam a baixar e rodeá-la. Movimentam-se e refratam a luz das janelas, como o globo de uma discoteca. Então, descobrimos que a vênus é Diotima. Somem, em tal momento, os olhos de vidro, até restar um, à altura da cabeça de Diotima.)

1. Um fragmento de “O Ser do Espírito”, um dos “Poemas da Loucura”, de Hölderlin.
2. Outro fragmento, do poema “Visão”.
3. Idem, poema “Os Homens”.
4. “Plaisir d'amour”, canção clássica francesa de 1784, de Jean-Paul Martini (1741-1816), muito popular, foi gravada, inclusive, por Edith Piaf.



Hölderlin – Diotima, vê? Olhos estão por fora e por dentro!

De vidro, aço, batentes, madeira podre, piano completamente cego, vozes feito luz, enxerga comigo, vamos, engole o olhar ao avesso da porta de entrada da torre!

(Hölderlin aproxima-se do móbile que restou, pega-o com as mãos e o esmigalha, estando agora com uma Diotima só corpo. Então, a estátua de Diotima começa a perder seus membros, em quedas regulares – um braço, a cabeça etc. A luz do palco se apaga.)

Hölderlin (grito longo) – Nomeado!!!

Quando em tal luta aprende o homem!!!⁵

(As luzes se acendem num clarão súbito e quase irritante aos olhos dos espectadores. Uma janela ao fundo do palco, então mais luzente ainda, mostra-se ser um quadro de uma bela mulher setecentista, de cabelos encaracolados, morena e de busto rosado. O mesmo canto da vênus rubra é expelido daquele quadro, e Hölderlin refaz os dizeres de seus poemas, mas agora de forma interrogativa, como perguntas.)

Hölderlin – Assim é o dia da vida, a manhã da vida?

Diotima – Você e eu, Diotima.

Hölderlin – E a tênue claridade???

Diotima – Você e eu, Diotima. Eu, e o meu vítreo corpo... O que foi feito dele, voz, diga-me? Dissolveu-se na escuridão ou se fragmentou aos olhos móveis que sumiram, numa caótica ascensão?

(Hölderlin chega à beira do palco e, num sorriso lunático, berra “Plaisir d’amour” intercalado com poemas seus, mas agora tudo sem conexão sintática, sentido ou lógica musical. A luz se apaga, e apenas um urro de Diotima se ouve – com a mesma “altura” irritante aos ouvidos da luz que se acendera antes):

Diotima – Você e eu, e mais a manhã da vida, numa janela muda!!!!

(A luz se acende, apenas uma janela imensa e sem imagem ao meio do palco permanece, e já não se vê mais Hölderlin).

FIM DA CENA

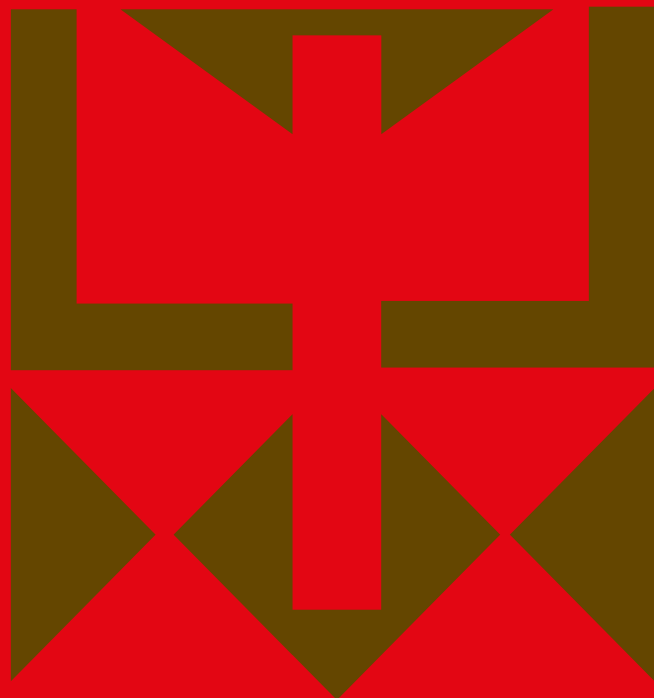


5. Poema “A Satisfação”.

LUCIANO GARCEZ é poeta, músico, dramaturgo e autor de *Salutz a uma Dama Moura* (Multifoco, 2010), *L’Ascension: o Sía, o Cristal do Milagre Chinês* (E-Galáxia, 2015), *A Mais Atada à Tua Palavra: “O Caderno de Mariana L., em Mãos Seguido de Avulsos do Poeta B”* (Kazuá, 2014) e *Kleine Faust* (Palavroando, 2018), entre outros livros.

LANÇAMENTO

SELO SESC



OLORUM

MATEUS ALELUIA



O AFRICANTO DE
MATEUS ALELUIA
EM ÁLBUM DE
COMPOSIÇÕES INÉDITAS

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e conheça o
catálogo completo sescsp.org.br/loja

    /selosesc



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Alexandra Linda, Alexandre Ramos Vasques, Adan Lucas Parisi, Aduato Fernando Perin, Adenor Serrano Domiense, Adriana de Souza Francisco, Adriana Garcia, Adriana Lazzarini Sales, Aline Ribenboim, Ana Emilia de Silos Cruz, Ana Emilia Ferreira de Paula, Ana Flavia da Cruz, Ana Paula Fraay, Andre Leite Coelho, Andreia Dorta, Andreia Rufato, Beatriz Falasco, Bruna Daniel, Camila Curaçá, Carolina Barbosa de Melo, Carlos Daniel, Cláudia Cássia de Campos Daniel Tonus, Daniela Cristina Ramos Del Nero, Daniela da Costa Matsuda, Danny Abensur, David Sampaio, Denise Baena, Denise Kieling, Diego Soares, DiL Lemos, Eduardo Saad, Eduardo Freitas, Elaine de Sousa, Eloá Cipriano, Emerson Pirola, Emily Fonseca de Souza, Erika Georgino, Estevão Denis, Everaldo Santos, Fabiana Freitas, Fabiana Monteiro, Fabio Luiz Vanconcelos, Fabio Saraiva Teles, Felipe de Gaspari, Felipe Veiga do Nascimento, Gabriela Evaristo, Gabriela Neves, Gean Paz (Av. Paulista), Geraldo Ramos, Guilherme Barreto, Indira Fernanda da Cunha Duarte, Ioná Damiana de Souza, Ivan da Hora, Jade Stella Martins, Jefferson Alves, Jorge Luis Moreira, José Junior, José Carlos Monteiro, Juliana Neves dos Santos, Karla Priscila Carrero, Lara Dias, Larissa Thomaz Corá, Lidiane de Jesus, Ligia Zamoro, Luciana Zunfrilli, Luciano Domingos, Lúcio Erico da Cunha, Maria Denise Leite, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Mariângela Abbatepaulo, Marina Reis, Marta Colabone, Mauro Lucas, Meilin Werneck, Michael Anielewicz, Moara Iak, Natalia Caetano, Natália Lemes, Octavio Weber Neto, Poliana Queiroz, Rani Bacil Fuzetto, Renan Cesar de Abreu, Renata Pereira Figueiro, Renato Perez de Castro, Ricardo Carrero, Ricardo Ribeiro, Rosana Abrunhosa de Souza, Rosana Catelli, Rosielle Francine Machado, Ruan Carlos Conceição, Sílvia Gomes, Simone Calazans Loma, Tamara Demuner, Tayna Vieira Oliveira, Thais Kruse, Thiago Ferri, Tommy Ferrari Della Pietra, Vagner Junior, Vanessa Cristina de Carvalho, Vânia Rangel dos Santos, Vânia Vassalo de Aguiar, Vanusa Soares Souza, Viviane Lourenço, Willian Yamamoto

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. **A Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social e realizada pela Lazuli Editora. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

Sétima arte no sofá

Em um espaço escuro, projeta-se ao fundo, numa grande tela branca, outro mundo. Enredos de heróis, vilões, ou mesmo personagens que habitam nosso cotidiano. E assim, por poucas horas, espectadores dão asas à imaginação e experimentam cenários e sentimentos. Fechadas durante a pandemia, as salas de cinema tiveram de se adaptar à realidade. Para isso, documentários, ficções, animações e outros gêneros em longas e curtas-metragens estão disponíveis para milhões de casas por meio de plataformas gratuitas de *streaming on demand*. Até mesmo grandes festivais internacionais recolheram o tapete vermelho para apresentar novas produções em formato digital, durante a quarentena. Entre maio e junho, o *We Are One: A Global Film Festival* exibiu, por dez dias, a curadoria dos festivais de Berlim, Cannes, Veneza, Sundance, Toronto e Tribeca, entre outros. Dessa forma, a magia da sétima arte segue encantando diferentes gerações. Aperte o *play* e boa sessão!



I Clowns (1970), Federico Fellini / Divulgação



SESC DIGITAL

Na plataforma digital do Sesc São Paulo, a série *Cinema #EmCasaComSesc* disponibiliza, toda semana, quatro novos títulos, entre longas e documentários, com acesso gratuito a qualquer hora do dia e sem necessidade de cadastro. Sob curadoria do CineSesc, as sessões de cinema reúnem obras clássicas, em sua maioria cópias restauradas e exclusivas na plataforma; filmes que tiveram uma trajetória relevante em festivais internacionais; produções nacionais de grande alcance de público; filmes independentes; e uma seleção de filmes infanto-juvenis, visando à formação de público.

Acesse: <https://sesc.digital/colecao/42876/cinemaemcasacomsecc>



Imagens: Reprodução

SPCINE PLAY

Única plataforma pública de *streaming* do Brasil, sua curadoria exhibe filmes das principais mostras e festivais de cinema de São Paulo. Por lá, ainda é possível encontrar raridades de importantes cineastas do cinema brasileiro, como Hector Babenco, Zé do Caixão e Suzana Amaral. Disponível para todo o Brasil.

Acesse: www.spcineplay.com.br

RETINA LATINA

Plataforma de *streaming* de cinema latino-americano, de caráter público e acesso gratuito para os cidadãos da América Latina e do Caribe. A Retina Latina é um projeto desenvolvido por entidades cinematográficas da Bolívia, Equador, Peru, México, Colômbia e Uruguai, e conta com o apoio do Fundo Internacional para a Diversidade Cultural da Unesco. No catálogo, filmes premiados como o uruguaio *El Baño del Papa* (2007), de Enrique Fernández e César Charlone, e a animação brasileira *Égun – Os Mistérios do Mar* (2015), de Helder Quiroga.

Acesse: www.retinalatina.org



Égun – Os Mistérios do Mar (2015), Helder Quiroga / Divulgação



Reprodução

LIBREFLIX

Plataforma de *streaming* aberta e colaborativa que reúne produções audiovisuais independentes, de livre exibição. Entre os destaques, clássicos como *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin, *Quando Parei de Me Preocupar com Caninhas* (2015), com os atores Matheus Nachtergaele e Paulo Miklos, e o documentário *O Que Nos Move* (2017), de Daniela Muzi, sobre a saúde pública no Brasil.

Acesse: <https://libreflix.org>



Reprodução

PORTA CURTAS

Portal de exibição e catalogação de curtas-metragens brasileiros com mais de mil curtas para assistir gratuitamente. São animações, ficções e documentários produzidos por cineastas de todo o país. Entre eles, *Bonde* (SP, 2019), do coletivo Gleba do Pêssego, que conta a história de jovens LGBTQI+ da capital paulista, e a animação *Não Moro Mais Aqui* (PE, 2019), sobre envelhecimento.

Acesse: www.portacurtas.org.br

ISSO NÃO É TEATRO



“Eu acho que isso não é Teatro” – esta é uma das reações que mais ouvi nas últimas semanas sobre as adaptações online de obras de teatro para o projeto #EmCasaComSesc, que acontece desde maio.

Em decorrência da pandemia, os riscos à vida impuseram a necessidade de isolamento social em escala mundial e fomos invadidos por muitas incertezas. A impossibilidade de aglomerações e da proximidade física paralisou a programação cultural de uma maneira nunca antes vista. Centros culturais, museus, teatros e cinemas fecharam e muitos profissionais, além dos que estão em cena, foram impactados: autores, diretores, cenógrafos, compositores, técnicos e produtores, entre outros.

O teatro e as artes cênicas foram particularmente afetados porque são, por definição, manifestações artísticas da presença. Hoje, é natural assistir a um filme em casa e em diversas plataformas, o que, ainda assim, é uma experiência completamente distinta daquela de ir ao cinema. No caso do teatro, no entanto, é diferente. Lembro sempre da expressão francesa *arts vivants* (artes vivas), que nos dá um belo exemplo da ideia do artista e do público juntos presencialmente. Então, como enfrentar as restrições de convívio em um campo em que a presença é essencial?

Ninguém nega a singular experiência humana que o ritual coletivo do teatro representa, mas vale lembrar que a aproximação com os meios digitais não é uma novidade. Inúmeros criadores incorporam o cinema, a realidade ampliada e a tecnologia em seus trabalhos com resultados inovadores que consolidam linguagens híbridas e enriquecem as reflexões sobre a criação artística.

No Brasil, um dos exemplos emblemáticos é o do Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, dirigido por José Celso Martinez Corrêa, que, desde o exílio em Portugal na década de 1970, incorporou a linguagem cinematográfica às suas criações e tem um extenso trabalho em outros formatos.

Outro exemplo interessante são os teleteatros que marcaram o início da televisão com transmissão ao vivo no país. Programas como o *Grande Teatro Tupi*, exibido entre 1956 e 1965, tiveram a participação de nomes importantes do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), como Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg. O formato foi revisitado pela TV Cultura entre 2006 e 2007 com a série *Antunes Filho em Preto e Branco*, com obras produzidas nos anos de 1970 sob a direção desse grande criador, uma referência do teatro brasileiro. Outro projeto nesse campo foi a série *Direções*, produzida pelo SescTV e pela TV Cultura, atualmente disponível na plataforma Sesc Digital.

O diálogo constante com os criadores revela uma inquietação na busca por novos caminhos estéticos, sem a pretensão da definição formal de uma nova linguagem. As chamadas *lives* evidentemente não substituem o teatro em termos sociais e simbólicos. Porém, hoje, esse formato permite a experimentação a partir do teatro e coloca em evidência, por exemplo, a interpretação e a dramaturgia.

Na sua maneira própria de fruição, tão distinta da experiência de ir ao teatro, as transmissões ao vivo são um momento único e podem ser revistas online depois. Elas reúnem um grande número de pessoas, de lugares diversos, para assistir a artistas, que, nas suas casas, passam por restrições de contato com o público.

A diversidade dos trabalhos já realizados no ambiente digital e o retorno positivo do público mostram que ainda há um vasto campo de possibilidades, que vão influenciar as artes quando os encontros presenciais forem novamente uma realidade. Ao mesmo tempo, fico com a certeza de que ouvir o terceiro sinal no início de cada transmissão transforma-se também em um novo rito coletivo, carregado de significados e emoção. ■

EMERSON PIROLA, graduado em Comunicação Social com MBA em Gestão Estratégica e Econômica de Projetos, é assistente da Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo.

Sesc^{tv}

    /sesctv



CENA INQUIETA

**A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA
DO TEATRO DE GRUPO**

A DIVERSIDADE EM LINGUAGENS E
EXPERIMENTAÇÕES REPRESENTADAS POR GRUPOS
DE SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, RECIFE,
BELO HORIZONTE E SALVADOR.

48 GRUPOS
10 ESPETÁCULOS INDEPENDENTES
26 CONVIDADOS

CURADORIA DE SILVANA GARCIA
DIREÇÃO DE TONI VENTURI

VERIFIQUE A
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA

QUINTAS
23 HORAS

ASSISTA EM SESCTV.ORG.BR
OU CONSULTE SUA OPERADORA

